

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Ciências e Tecnologia

Unidade Acadêmica de Design

Curso de Design

JOIA TALISMÃ

ARTEFATO DE PROTEÇÃO CONTRA O MAU OLHADO

Autora: Thais Cavalcanti Bandeira

Orientadora: Dra. Ingrid Moura Wanderley

Campina Grande, março de 2018

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Ciências e Tecnologia

Unidade Acadêmica de Design

Curso de Design

JOIA TALISMÃ

ARTEFATO DE PROTEÇÃO CONTRA O MAU OLHADO

Relatório técnico-científico apresentado ao Curso de Design da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de título de Bacharela em Design, com habilitação em Projeto de Produto.

Autora: Thais Cavalcanti Bandeira

Orientadora: Dra. Ingrid Moura Wanderley

Campina Grande, março de 2018

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Ciências e Tecnologia

Unidade Acadêmica de Design

Curso de Design

JOIA TALISMÃ

ARTEFATO DE PROTEÇÃO CONTRA O MAU OLHADO

Relatório técnico-científico apresentado ao Curso de Design da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de título de Bacharela em Design, com habilitação em Projeto de Produto.

Dra. Ingrid Moura Wanderley (Orientadora)

Dr. João Batista Guedes

Dr. Luiz Felipe de Almeida Lucena

Campina Grande, março de 2018

Mainha e Tico, vocês são meus mais valiosos e estimados amuletos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de antemão, ao Universo e a todas as entidades protetoras que me guiaram até aqui.

À minha mãe, Adelaide, fonte inesgotável de amor e afeto, que me ensinou que um sorriso move montanhas. Ao meu amado irmão, Thiago, o ser mais equilibrado e bondoso que conheço. Nossa união é meu bem mais valioso! A Ricardo Regis, por tanto companheirismo e serenidade.

A cada um dos professores da UAD que tanto enriqueceram minha vida acadêmica. Sou grata por todas as lições recebidas. Em especial, agradeço ao meu grande mentor, Luiz Felipe de Almeida Lucena, que ao longo de anos de oficina se mostrou um grande exemplo de disciplina, caráter e integridade. À Ingrid Moura Wanderley, minha tão querida orientadora, que, desde o primeiro dia em que nos conhecemos, se mostrou tão disposta a me nortear até aqui e nunca me deixou desistir de seguir em frente. À Cleone Souza, que, na reta final do projeto, me adotou como co-orientanda, me dando forças para correr contra o tempo. Às senhoras, todo meu respeito e admiração.

Agradeço também à professora Mércia Batista, do PPGCS, que me inundou de boas referências para a realização deste trabalho. Aos professores Alcides Ramos e Reinhard Richard, do Departamento de Gemologia, que acompanharam meus primeiros passos no estudo de joias.

A todos os colegas da graduação de Design que cruzaram meu caminho. À primeira e tão amada amiga de curso, Layane Alves, fiel companheira em todo e qualquer momento. A Alexandre Bruno e Stepphan Abreu, por tanto carinho e amizade. A Vanessa e Amanda Monteiro, em quem tanto me espelho. A meus também companheiros de apartamento, Tatyana Carneiro, Pedro Camino e Edson Laurentino: grata por tudo o que compartilhamos.

Aos queridos funcionários da UAD, Zé Ferreira (*in memoriam*), Expedito, Lúcia, Carlos e Eudes, que, sempre com bom humor e prontidão, tanto me ajudaram ao longo desta jornada.

"Deus me proteja de mim
E da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim,
Deus me governe e guarde
Ilumine e zele assim"

Chico César

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Ornamento Neandertal, datado de 130 mil anos atrás. (Fonte: Ancient Facts)13
- Figura 2:** Figura 2: colar de ouro, prata e vidro, da primeira metade do século V a. C. De origem Fenícia ou Cartaginesa, o pingente em forma de máscara demoníaca protegia contra as más energias. (Fonte: Museu Met)14
- Figura 3:** Figura 3: Pingente amuleto fálico em bronze, datado do século I d. C., do período imperial romano. (Fonte: Museu Met)14
- Figura 4:** "Sincretismo", tela do mineiro José Luiz Soares. (Fonte: Entidades do Além)15
- Figura 5:** Figura 5: Fotografia da escrava Florinda Ana do Nascimento. Acervo do Instituto Feminino da Bahia, Museu do Traje e do Têxtil. (Fonte: Livro "Joias de Crioula")17
- Figura 6:** Rara penca de balangandãs com nave dita propiciatório, em ouro ricamente decorada à buril, sustentando sete balangandãs em azeviche e chifre encastados em ouro. Bahia séc. XIX / XX. Amuleto era usado até meados do século XX pelas crianças negras baianas. (Fonte: Espaço de Artes Miguel Sales)17
- Figura 7:** Anel maçônico grau 33 folheado a ouro 18K. (Fonte: King Mason)18
- Figura 8:** Aliança Love, ouro branco 18K, engastada com 88 diamantes lapidação brilhante totalizando 0,31 ct. (Fonte: Cartier Brasil)18
- Figura 9:** Tiara de Harumi Klossowska de Rola, para Valentino, 2016. (Fonte: Revista Allure)19
- Figura 10:** Anel Mariah Rovery em prata oxidada, uma resina com bordado a mão dentro, dois citrinos e um rubi navete e quatro diamantes. (Fonte: Mariah Rovery)19
- Figura 11:** Colar Jade Jegger, masculino, corrente de 76 cm, de prata com diamantes brancos. (Fonte: LuizaViaRoma)20
- Figura 12:** Bracelete masculino HellMuth, chapa de prata esterlina, banhada com ródio negro e detalhe em ouro 18K. (Fonte: Luisa Via Roma)20

| | |
|--|----|
| Figura 13: Pingente da Deusa Isis que pertencia ao general Undjebauendjed, pode ser encontrado no Museu do Egito, em Cairo. (Fonte: Farlang) | 21 |
| Figura 14: Colar egípcio datado de até 2000 anos a.C., com quatorze amuletos (pingentes de escaravelho, lápis lazuli, cristal, cornalina, etc). (Fonte: Farlang) | 22 |
| Figura 15: Amuleto egípcio de prata, cornalina e faiança (louça), datada de dois milênios a.C. (Fonte: Met Museum) | 23 |
| Figura 16: Mapa do Inferno, pintura de Botticelli, do século XV. (Fonte: Florence Inferno) | 26 |
| Figura 17: <i>Printscreen</i> da tela do formulário disponível pela plataforma Google Forms. (Fonte: do autor, 2018) | 28 |
| Figura 18: Esquema de partes do colar de prata com pingente banhado a ouro, do ateliê Faris. (Fonte: do autor, 2018) | 31 |
| Figura 19: Ação de abertura do fecho. (Fonte: do autor, 2017) | 34 |
| Figura 20: Ação de posicionamento da peça no colo. (Fonte: do autor, 2017) | 34 |
| Figura 21: Ação de fechamento da trava. (Fonte: do autor, 2017) | 34 |
| Figura 22: Processo de limpeza da peça com solução de água e bicarbonato de sódio. (Fonte: do autor, 2017) | 35 |
| Figura 23: De cima para baixo, da esquerda para a direita, temos uma mano cornuta, figa, olho turco, patuá, arruda, alho, gemas, sal, espada de São Jorge, ferraduras e carrancas. (Fonte: do autor, 2018)..... | 37 |
| Figura 24: Geração de formas a partir do olho humano. (Fonte: do autor, 2018) | 41 |
| Figura 25: Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano (Fonte: do autor, 2018) | 41 |
| Figura 26: Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano. (Fonte: do autor, 2018) | 42 |
| Figura 27: Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano (Fonte: do autor, 2018) | 42 |
| Figura 28: Geração de formas a partir da ferradura. (Fonte: do autor, 2018) | 42 |

| | |
|--|----|
| Figura 29: Geração de formas a partir da ferradura. (Fonte: do autor, 2018) | 43 |
| Figura 30: Alternativas de pingentes a partir das formas da ferradura (Fonte: do autor, 2018) | 43 |
| Figura 31: Alternativas de pingentes a partir das formas da ferradura (Fonte: do autor, 2018) | 43 |
| Figura 32: Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018) | 44 |
| Figura 33: Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018) | 44 |
| Figura 34: Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018) | 45 |
| Figura 35: Alternativas de pingentes a partir das formas do patuá (Fonte: do autor, 2018) | 45 |
| Figura 36: Alternativas de pingentes a partir das formas do patuá (Fonte: do autor, 2018) | 45 |
| Figura 37: <i>Sketch</i> do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2017) | 46 |
| Figura 38: Lapidação navete e cravação inglesa. (Fonte: Lua Mia) | 47 |
| Figura 39: <i>Sketch</i> de fecho regulável do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2017) | 47 |
| Figura 40: <i>Sketch</i> de fecho regulável do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2017) | 47 |
| Figura 41: <i>Mocukup</i> do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2018) | 48 |
| Figura 42: Cravação com garras. (Fonte: Amira Kalaf) | 48 |
| Figura 43: <i>Sketch</i> do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2017) | 49 |
| Figura 44: <i>Mockup</i> do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018) | 50 |
| Figura 45: <i>Sketch</i> do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018) | 51 |
| Figura 46: <i>Mockup</i> do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018) | 52 |
| Figura 47: <i>Sketch</i> do conceito 2. (Fonte: do autor, 2018) | 53 |
| Figura 48: <i>Sketch</i> para placa metálica superior do conceito 2. (Fonte: do autor, 2018) | 54 |

| | |
|---|----|
| Figura 49: <i>Sketch</i> de opções de fecho para conceito 2. (Fonte: do autor, 2018) | 54 |
| Figura 50: <i>Mockup</i> do conceito 2 (Fonte: do autor, 2018) | 54 |
| Figura 51: <i>Sketchs</i> do conceito 3 (Fonte: do autor, 2018) | 55 |
| Figura 52: Detalhes do fecho tipo gaveta do conceito 3. (Fonte: do autor, 2018) | 56 |
| Figura 53: Teste volumétrico e formais para pingente do conceito 3 (Fonte: do autor, 2018) | 56 |
| Figura 54: Refinamento do fecho. (Fonte: do autor, 2018) | 58 |
| Figura 55: Refinamento do pingente ferradura. (Fonte: do autor, 2018) | 58 |
| Figura 56: Extrusão da ferradura. (Fonte: do autor, 2018) | 59 |
| Figura 57: Geometrização da vista superior e frontal do fecho (Fonte: do autor, 2018) | 59 |
| Figura 58: Geometrização da vista frontal do pingente (Fonte: do autor, 2018) | 60 |
| Figura 59: <i>Rendering</i> 3D do conceito final. (Fonte: do autor, 2018) | 61 |
| Figura 60: Detalhe do fecho tipo gaveta (Fonte: do autor, 2018) | 62 |
| Figura 61: Detalhe de dobradiça do pingente (Fonte: do autor, 2018) | 62 |
| Figura 62: Detalhe de lapidação briolet (Fonte: do autor, 2018) | 63 |
| Figura 63: Olho de tigre, labradorita e peridoto. (Fonte: do autor, 2018) | 64 |
| Figura 64: Tipos de lapidação utilizadas no produto. (Fonte: do autor, 2018) | 67 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Amostra de algumas correntes disponíveis no mercado. (Fonte: do autor, 2018) | 31 |
| Tabela 2: Amostra de sistemas de fecho para colares. (Fonte: do autor, 2018) | 32 |
| Tabela 3: Medidas antropométricas da cabeça, resumidas da norma alemã DIN 33402 (Fonte: Catapan, 2014) | 36 |
| Tabela 4: Requisitos e parâmetros para o projeto. (Fonte: do autor, 2017) | 39 |
| Tabela 5: Itens do produto (Fonte: do autor, 2018) | 65 |
| Tabela 6: Especificações técnicas das partes e componentes do produto (Fonte: do autor, 2018) | 66 |

SUMÁRIO

| | | |
|---------|--|----|
| 1 | Considerações Iniciais | 12 |
| 1.1 | Introdução ao tema | 12 |
| 1.2 | Oportunidade | 14 |
| 1.3 | Objetivos | 15 |
| 1.4 | Justificativa | 15 |
| 2 | Referencial Teórico..... | 18 |
| 2.1 | O que é uma Joia? | 18 |
| 2.2 | Talismãs: artefato de proteção | 20 |
| 2.2.1 | Em busca de proteção | 20 |
| 2.2.2 | O que configura um talismã? | 22 |
| 2.3 | Mau olhado | 23 |
| 2.4 | Semântica e Produto | 25 |
| 2.5 | Conclusão do Referencial Teórico | 26 |
| 3 | Levantamento e Análise de Dados..... | 27 |
| 3.1 | O produto: colar talismã | 28 |
| 3.2 | Análise de Mercado | 28 |
| 3.2.1 | Mercado brasileiro de joias | 28 |
| 3.2.2 | Público alvo | 29 |
| 3.3 | Análise estrutural | 30 |
| 3.3.1 | Sistemas funcionais | 32 |
| 3.4 | Análise ergonômica | 33 |
| 3.4.1 | Análise de usabilidade | 33 |
| 3.4.1.1 | Limpeza da peça | 34 |
| 3.4.1.2 | Alergias | 35 |
| 3.4.2 | Levantamento antropométrico | 36 |
| 3.5 | Análise simbólica | 36 |
| 3.6 | Requisitos e parâmetros | 37 |
| 4 | Anteprojeto | |
| 4.1 | Método de criação de conceitos | 40 |
| 4.2 | Geração de conceitos | 41 |
| 4.2.1 | Estudo de forma..... | 40 |

| | | |
|---------|--|----|
| 4.2.1.1 | Olho | 34 |
| 4.2.1.2 | Ferradura | 35 |
| 4.2.1.3 | Patuá | 40 |
| 4.2.2 | Conceito 1 - Olho..... | 40 |
| 4.2.2.1 | Variação A | 34 |
| 4.2.2.2 | Variação B | 35 |
| 4.2.2.3 | Variação C | 40 |
| 4.2.3 | Conceito 2 – Ferradura | 34 |
| 4.2.4 | Conceito 3 – Patuá | 34 |
| 4.3 | Escolha do conceito | 41 |
| 4.4 | Conceito escolhido | 41 |
| 4.5 | Refinamento do conceito..... | 57 |
| 4.5.1 | Geometrização da forma | 59 |
| 4.5.2.1 | Pingente | 59 |
| 4.5.2.2 | Fecho | 59 |
| 5 | Projeto | 61 |
| 5.1 | Conceito final: colar talismã | 61 |
| 5.2 | Concepção estrutural e funcional | 62 |
| 5.3 | Concepção ergonômica | 62 |
| 5.4 | Concepção da configuração | 63 |
| 5.4.1 | Simbologia | 63 |
| 5.4.2 | Estudos de cor | 63 |
| 5.4.2.1 | Metais | 63 |
| 5.4.2.2 | Gemas | 64 |
| 5.4.3 | Acabamento e textura | 64 |
| 6 | Detalhamento Técnico | 65 |
| 6.1 | Estrutura: peças e componentes | 65 |
| 6.1.1 | Perspectiva Explodida | 65 |
| 6.1.2 | Especificações técnicas | 66 |
| 6.2 | Metais | 67 |
| 6.3 | Etapas do processo de fabricação | 67 |
| 6.3.1 | Gemas | 67 |
| 6.3.1.1 | Lapidação | 67 |

| | |
|--|----|
| 6.3.1.2 Cravação | 68 |
| 6.3.2 Metais | 68 |
| 6.4 Desenho Técnico | 70 |
| 7 Considerações finais | 71 |
| 7.1 Conclusões | 71 |
| 7.2 Recomendações projetuais | 71 |
| Referência Bibliográfica | 72 |
| Referência das Figuras | 75 |
| Anexo – NCM | 77 |
| Apêndice A - Questionário e resultados | 81 |
| Apêndice B - Oração | 85 |
| Apêndice C – Desenho Técnico | 88 |

I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta etapa do trabalho consiste na apresentação do pré-projeto: delimitação do tema abordado, oportunidade de mercado, objetivos a serem alcançados e justificativa da importância deste projeto.

I.1 INTRODUÇÃO

O homem começou a fazer uso de adornos¹ corporais com o intuito de diferenciar-se entre os outros animais, fator importante para seu desenvolvimento psicológico desde que esse passa a se perceber não mais como um ser "primitivo", mas sim como um ser desperto para o senso estético. Esta necessidade e desejo por embelezamento são características intrínsecas da sua natureza, desde que:

“A identidade é o amálgama cultural que torna possível fazer com que as pessoas se conheçam entre si e se reconheçam individualmente, criando ou recriando seu universo de sonhos e necessidades, exprimindo suas crenças e desejos, exteriorizando uma visão única e singular do mundo que as rodeia.” (NETO, 2004)

O homem começou a enfeitar-se com os recursos naturais que encontrava nas suas proximidades, como: ossos, presas, plumas, conchas, sementes e pedras polidas. Estes ornamentos datam desde os Neandertais, cerca de 130 mil anos atrás: há registros, em Krapina, na Croácia, de ossos de águias polidas e com pequenos entalhes (figura 1), que sugerem a montagem de um colar ou bracelete.



Figura 1:
Ornamento
Neandertal,
datado de 130 mil
anos atrás. (Fonte:
Ancient Facts)

¹ Do latim *adornare*: é aquilo que enfeita, decora, ornamenta.



Figura 2: colar de ouro, prata e vidro, da primeira metade do século V a. C. De origem Fenícia ou Cartaginesa, o pingente em forma de máscara demoníaca protegia contra as más energias. (Fonte: Museu Met)

Quando confeccionado com material precioso (metais nobres e pedras preciosas, por exemplo) e finamente trabalhado, o adorno é considerado como uma joia. Tal artefato de matéria valiosa pode ser um colar, anel, bracelete, pingente, brinco, broche, tiara, etc. Segundo Braga (2008), a palavra joia possui origem latina (jocalia) e significa: “coisas festivas, alegres e supérfluas” (apud TAKAMITSU, MENEZES, 2015). A joia é, então, uma ornamentação com o intuito de celebrar, comemorar, enfeitar, sensibilizar, reluzir, valorizar e, também, de proteger. Estes significados e valores simbólicos são atribuídos à joia pelo usuário: status, poder, riqueza, apego simbólico, sentimental, mágico, protetor, religioso, sedução.

A fim de afastar a inveja, espíritos ruins e doenças, o usuário carrega o adorno próximo ao seu corpo. De tal modo, este artefato passa a ser classificado como: amuleto ou talismã. A distinção entre estes está

explicitada mais adiante neste trabalho.

Figas, chifres, pimentas, carrancas, formas fálicas, trevos de quatro folhas, olho grego, efígies² de santos são apenas algumas das figuras utilizadas como objetos de proteção na cultura popular. Algumas pedras preciosas também podem ser utilizadas com este fim.



Figura 3: Pingente amuleto fálico em bronze, datado do século I d. C., do período imperial romano. (Fonte: Museu Met)

² Retrato, imagem, figura de um personagem real ou simbólico.

1.2 OPORTUNIDADE

A economia globalizada na qual estamos inseridos nos dias atuais exige do mercado a oferta de produtos e serviços competitivos a fim de evitar um comércio estagnado. Para destacar-se em meio a tanta competitividade, as empresas possuem algumas alternativas: fazê-lo através da redução de materiais e, conseqüentemente, de custos e preço final do produto, ou por diferenciação qualitativa.

No mercado joalheiro, ao invés de competir na base do preço, deve-se procurar a segunda alternativa, a diferenciação qualitativa, agregando valor a produtos e serviços, conquistando o coração e a mente do cliente, oferecendo algo singular, distinto e exclusivo. Afinal, produtos são componentes culturais que remetem a: memória afetiva, lendas, tradições, usos e costumes.

“Uma das características culturais mais fortes do Brasil é o seu sincretismo religioso e a miscigenação racial que ajudaram a formar uma cultura única e singular, fornecendo um rico universo de referências.” (NETO, 2004)

Identifica-se, então, a oportunidade de projetar uma joia que estabeleça uma conexão afetiva com o usuário e represente, quando em contato com o seu corpo, uma proteção contra o mau olhado, a fim de resgatar resquícios das crenças populares que, em outros tempos, eram tão disseminadas.

Desta forma, ao projetar na matéria os gestos, imagens, cores e marcas do universo simbólico dos usuários, é possível atingi-los através de um patrimônio intangível e rico em história cultural, capaz de reafirmar sua verdadeira identidade e crença.

Figura 4:
"Sincretismo", tela
do mineiro José
Luiz Soares. (Fonte:
Entidades do Além)



I.3 OBJETIVOS

I.3.1 GERAL

Desenvolver uma joia talismã a partir do estudo de símbolos de proteção contra inveja e mau olhado.

I.3.2 ESPECÍFICOS

- Identificar artefatos e símbolos utilizados como objetos de proteção contra o mau olhado;
- Analisar a relação usuário/amuleto e o valor simbólico atribuído a estes objetos;
- Verificar processos de fabricação e materiais adequados (e possíveis) à joia produzida;
- Estudar significados subjetivos à joia a fim de gerar identificação com as crenças (popular ou religiosa) do usuário.

I.4 JUSTIFICATIVA

A joia, um objeto de adorno, além de sua nobre função simbólica, serve para embelezar e conferir aspecto elegante ao usuário, como mencionado anteriormente.

Na Bahia, durante o colonialismo, este direito de enfeitar o próprio corpo foi negado às mulheres negras a partir de uma portaria real, divulgada no ano de 1636:

“El-Rei, tendo tomado conhecimento do luxo exagerado que as escravas do Estado do Brasil mostram no seu modo de vestir, e a fim de evitar este abuso e o mau exemplo que poderia seguir-se-lhe, Sua Majestade dignou-se decidir que elas não poderiam usar vestidos de seda nem de tecido de cambráia ou de holandá³, com ou sem rendas, nem enfeites de ouro e de prata sobre seus vestuários. Com este luxo, as escravas causam uma baixa de moral nas capitâneas, pervertem os homens brancos, do que resulta o cruzamento das raças e o aumento sempre crescente do número de pessoas de cor, o que de modo algum é conveniente.” (FACTUM, 2004, p. 35)

³ Tecido utilizado pela nobreza do Brasil colonial.



Figura 5:
Fotografia da
escrava Florinda
Ana do
Nascimento.
Acervo do Instituto
Feminino da Bahia,
Museu do Traje e
do Têxtil. (Fonte:
Livro "Jóias de
Crioula")

Esta portaria faz referência às Jóias de Crioula (figura 5): as negras, no Brasil colonial, faziam uso de peças como símbolo de resistência, preservação de auto estima e proteção (brincos protegiam a cabeça, segundo suas crenças, assim como acreditavam os egípcios). Elas confeccionavam balangandãs⁴: objetos de intenção supostamente mágicos, frequentemente usados na cintura, que possuíam significado religioso, visto que esta zona, de acordo com o credo da época, marcava a fertilidade feminina. Um outro intuito destas mulheres era acumular, em joia, o valor que um dia pagaria sua alforria.

“Esta joalheria é um modelo do que se pode classificar como design de resistência, não na sua forma que é híbrida, mas no seu significado de uso, resultado da impermeabilidade cultural, da resistência negra ao sistema escravocrata. Ao portar estas jóias, a mulher negra ou mestiça, escrava, alforriada ou liberta, simbolizava a manutenção da sua cultura, a preservação de sua autoestima e, principalmente, sua resistência à condição de mercadoria.” (FACTUM, 2004, p. 33)



Figura 6: Penca em
ouro ricamente
decorada à buril,
sustentando sete
balangandãs em
azeviche e chifre
encastoados em
ouro. Bahia séc.
XIX / XX. Amuleto
era usado até
meados do século
XX pelas crianças
negras baianas.
(Fonte: Espaço de
Artes Miguel Sales)

A joia negra era, portanto, uma afirmação da cultura⁵ da mulheres que a utilizavam, e é por meio dos objetos que utilizamos que anunciamos um pouco de nossa história. Este objeto como transmissão de identidade existe em todas as tribos, de todas as raças e credos, dos tempos mais primórdios aos dias atuais e, com muita certeza, será assim até o fim de nossa espécie.

“Indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a

⁴ Ornamentos de metal em forma de figas, frutos, animais e etc., que, presos uns aos outros, formavam uma penca.

⁵ “Em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” Conceito de cultura por Edward Tylor (apud LARAIA, 2002, p. 25).

evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica." (LARAIA, 2002, p. 68)

"Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo", esta máxima de Freud diz que, ao falarmos de alguém, falamos mais de nós mesmos do que imaginamos. Este conceito pode ser, também, aplicado à nossa relação com o que consumimos: a partir do momento em que utilizamos ou desejamos algo, estamos comunicando muito sobre nós mesmos:

Figura 7: Anel maçônico grau 33 folheado a ouro 18K. (Fonte: King Mason)



"A joia continua um objeto de desejo, um símbolo de união e reconciliação (caso dos casais), de poder (exemplo dos anéis eclesiásticos), de pertencimento a grupos (caso dos anéis de confrarias), de riqueza (caso das joias exclusivas e com materiais nobres), de desejo de todas as mulheres (mesmo com as bijuterias e biojoias) e dos homens (que hoje tornaram a se enfeitar com joias e que usam a joia como presente, especialmente para as mães e esposas) etc." (SKODA, 2012, p. 205)

Quando materializamos nosso desejo através de um objeto, este é transformado em "objeto desejo" ou objeto fetiche". Para Rafael Cardoso (1998):

"Fetichismo, na sua acepção mais antiga, refere-se ao culto dos fetiches, ou seja, à adoração de objetos animados ou inanimados aos quais se atribui poderes sobrenaturais." (apud SKODA, 2012, p. 192)

Para Dant (1999), é através do fetiche que o designer consegue estimular o desejo do usuário pelo objeto, desde que sejam agregadas a este características como: significado, funcionalidade, conhecimento, mediação e estética (apud SKODA, 2012, p. 196).

A importância da execução deste trabalho justifica-se: pelo resgate a crenças que, com o tempo, podem ser perdidas; pela necessidade de gerar uma conexão não apenas material do usuário com o objeto, mas

também afetiva desde que fatores emocionais agregados a um produto são os primeiros a serem reconhecidos pelo usuário. Todo o material empregado tem seu valor simbólico na construção de um artefato, independente da preciosidade dele: este é o norte deste projeto.

Figura 8: Aliança Love, ouro branco 18K, engastada com 88 diamantes lapidação brilhante totalizando 0,31 ct. (Fonte: Cartier Brasil)



2 REFERENCIAL TEÓRICO

Figura 10: Tiara de Harumi Klossowska de Rola, para Valentino, 2016. (Fonte: Revista Allure)



A fim de uma melhor compreensão acerca dos temas abordados na introdução, oportunidade e justificativa deste projeto, e, conseqüentemente, sua validação, foi realizada uma coleta de informações nesta etapa do trabalho.

2.1 O QUE É UMA JOIA?

Adornos pessoais eram, a princípio, confeccionados com materiais como ossos e penas de animais e, com a descoberta dos metais, passaram a ser confeccionados em ferro, bronze, cobre, ouro e prata. Com o decorrer do tempo, passaram a ser feitos em metais e pedras ainda mais raros, a fim de distinguir grupos sociais e, como mencionado anteriormente neste trabalho, de enfeitar o usuário de acordo com seu contexto social, político e/ou cultural.

Para Santos (2017) a "joia, em toda a sua trajetória, sempre foi uma expressão de arte, e a arte nada

mais é do que uma forma de mostrar nossos sentimentos, emoções e pensamentos". Afinal além de sua função utilitária de adorno, ela agrega alguns outros valores, desde que conta a história de quem a usa e marca momentos.



Figura 11: Anel em prata oxidada; resina com bordado a mão; dois citrinos e um rubi navete e quatro diamantes. (Fonte: Mariah Rovey)

Porém, nem só de materiais luxuosos é feita uma joia. Existem materiais não tão nobres quanto pedras preciosas que podem agregar valor e preço a um produto. A designer Mariah Rovey faz uso de flores em resina, porcelana portuguesa, nozes, corais, conchas, vidro e até troncos de árvores na composição de suas peças de luxo (figura 10). Outro fator que pode influenciar a precificação do produto, além do design, é a sua forma de fabricação: quando feito de forma artesanal, em pequena escala ou até mesmo uma peça única (edição limitada), de forma mais lenta, a joia pode ser mais cara do que peças feitas em escala industrial.



Figura 11: Colar Jade Jegger, masculino, corrente de 76 cm, de prata com diamantes brancos. (Fonte: LuisaViaRoma)

Figura 12: Bracelete masculino HellMuth, chapa de prata esterlina, banhada com ródio negro e detalhe em ouro 18K. (Fonte: LuisaViaRoma)



O NCM (Nomenclatura Comum do MERCOSUL) é um código estabelecido pelo governo do Brasil com finalidade de identificar a natureza de mercadorias e promover o desenvolvimento do comércio internacional. Ou seja: toda e qualquer mercadoria produzida no país possui um número que a identifica e é a partir dele que são determinados alguns impostos. Segundo essa padronização, na Seção XIV, Capítulo 71 (anexo I) podemos encontrar o que define a preciosidade de metais para o mercado brasileiro:

→ consideram-se *metais preciosos* a prata, o ouro e a platina (o termo *platina* compreende a platina, o irídio, o ósmio, o paládio, o ródio e o rutênio);

→ consideram-se *ligas de metais preciosos* (incluídos as misturas sintetizadas e os compostos intermetálicos) aquelas que contenham um ou mais metais preciosos, desde que o peso do metal precioso ou de um dos metais preciosos seja pelo menos igual a 2% do peso da liga.

A joia pode, portanto, ser confeccionada em metal precioso, em ligas metálicas compostas de pelo menos 2% de um destes metais, ou simplesmente, revestidas ou folheadas com estes. Esses adornos de uso pessoal podem se apresentar em diversas formas, como: colar, pingente, anel, pulseira, bracelete, pente, broche, brinco, etc.

2.2 TALISMÃS: ARTEFATO DE PROTEÇÃO

2.2.1 EM BUSCA DE PROTEÇÃO

"É interessante observar a busca que as pessoas fazem pelo aperfeiçoamento humano. Crentes e ateus precisam viver os mesmos desafios. Cada um procura a forma que melhor lhe responde. Alguns na terapia, nas artes; outros no conhecimento, nas religiões; e outros, ainda, nas religiões conciliadas com instrumentos terapêuticos, artísticos e

acadêmicos. O fato é que todo mundo tem necessidade de soprar espírito no corpo. É esse sopro que faz com que o processo de aperfeiçoamento tenha continuidade. É ele que nos permite suportar as demandas da existência. Anima, do latim, quer dizer: aquilo que concede ânimo" (MELO, 2017, p. 73)

É assim que o Padre Fábio de Melo responde ao historiador Leandro Karnal em seu livro *Crer ou não crer*, ao ser questionado sobre a fé humana.

Desde que tomou consciência de si, o homem atribui significado a tudo aquilo que vê e sente. Quando crianças, esta nossa capacidade é ainda mais fluida, sem julgamentos, ingênua. "Esse frescor do espírito da criança permite *animar* o que parecia sem vida", explica Jean-Pierre Bayard, em seu livro *Os Talismãs: psicologia e poderes dos símbolos de proteção*.

"Ao refletir, o homem toma consciência de tudo o que o transcende, de tudo o que lhe parece sobrenatural e de que não pode dar uma explicação racional, 'funcional'. Inquieto diante das forças da natureza, sente a necessidade de se colocar sob a proteção de uma força superior, invoca um personagem semelhante a ele, mas dotado de poderes ilimitados; dirige preces a esse personagem. E o que faz quando está em perigo, para afastar o mal; reza a ele para transformar a própria vida, para que lhe dê conforto físico ou moral; às vezes, rende-lhe graças." (BAYARD, 1976, p. 2)

Figura 13: Pingente da Deusa Isis que pertencia ao general Undjebauendjed, pode ser encontrado no Museu do Egito, em Cairo. (Fonte: Farlang)



O autor explica: como não pode rezar o tempo inteiro e o "perigo" pode estar por perto, estas orações constantes com o propósito de atrair os benefícios da divindade para a coletividade são confiadas a pessoas como padres, monges, rabinos, etc. Ainda assim, o que garante que estas autoridades irão precaver todo o mal que cai sobre os homens? É a fim de garantir essas bênçãos que o homem faz uso de talismãs: um objeto carregado sobre o corpo que remeta a uma força particular. Um amuleto é, então, a manifestação de uma prece.



Figura 14: Colar egípcio datado de até 2000 anos a.C., com quatorze amuletos (pingentes de escaravelho, lápis lazuli, cristal, cornalina, etc). (Fonte: Farlang)

Por mais que encontremos amuletos em todas as culturas do mundo, desde a antiguidade, "o desenvolvimento da cultura humana não é possível determinar um ponto onde termina o mito e começa a religião", pois eles permanecem entrelaçados por toda a história" (SILVA, 1997, apud SKODA, 2012) e por isso é tão difícil distinguirmos nitidamente a magia, a superstição e pensamento religioso (SKODA, 2012). Mas, independentemente desta distinção, o homem está sempre em busca de afastar o mal: cristãos usam a água benta, benzedoiras dão banho com ervas nos necessitados, os espíritas e umbandistas dão passe (imposição de mãos), candomblecistas fazem uso de patuás, etc.

"É quase certo que o homem da pré-história vivia num clima comparável. O exame das pinturas rupestres e dos objetos encontrados nas escavações dá-nos a compreender que o homem sempre quis *sobreviver*, procurando por todos os meios, ir além dos frágeis limites da existência terrestre." (BAYARD, 1976, p. 17)

2.2.2 O QUE CONFIGURA UM TALISMÃ?

A fim de facilitar o entendimento acerca do projeto desenvolvido, é necessário fazermos uma distinção entre amuletos e talismãs. Para Walter Schumann (2006), os amuletos são objetos utilizados no corpo enquanto que os talismãs são mantidos em ambientes que o usuário frequenta com frequência, como na frente de casa ou até mesmo dentro de seu automóvel.

No entanto, aqui utilizaremos as definições de Marqués-Rivière:

"O amuleto [...] é um objeto natural (um pedaço de osso, uma espinha de peixe, uma pena, etc.) cujo único papel é o de neutralizar as más influências. O talismã [...] é um objeto 'artificial'. Mesmo quando constituído a partir de um suporte natural (vegetal, animal, mineral), sua técnica de fabricação remete sempre a um simbolismo que na verdade está ligado à 'ciência sagrada'." (apud BAYARD, 1976, p. 11)

Um suporte mineral muito utilizado como talismãs, são as pedras preciosas. Segundo Schumann (2006), elas não são apenas especiais por sua cor, brilho ou forma, mas também pela sua raridade e mistério. Acredita-se no seu poder de cura e proteção, porém, não existem comprovações ou evidências científicas de seus poderes.

A joia projetada neste trabalho consiste, portanto, em um talismã confeccionado com a finalidade de proteção. No entanto, há aqui uma "licença poética" desde que um talismã não pode ser fabricado, a não ser em condições perfeitamente definidas: sua fabricação repousa sobre a ideia fundamental da magia e do momento astrológico ideal, o que não cabe na feitura da joia aqui elaborada.

Figura 15:
Amuleto egípcio
de prata,
cornalina e
faiança (louça),
datada de dois
milênios a.C.
(Fonte: Met
Museum)



2.3 MAU OLHADO

A inveja, um dos sete pecados capitais:

“[...] cria inimigos e, quando o humano sente que não consegue vencê-la, vale-se do sobrenatural, do universo da magia para acalmá-la e, por isso são comuns as rezas feitas, as frases de efeito, os amuleto, as simpatias e várias outras formas criadas para ‘espantar’ esse monstro devorador” (FIGUEIREDO, 2011, p. 184)

Do que, então, uma pessoa que faz uso de um amuleto se protege? A maioria delas diz querer afastar de si a cobiça e o mau olhado alheio. Aqui, faremos um breve estudo sobre este mal:

O termo "mau olhado" significa que, ao olhar para alguém com inveja, estamos olhando com má intenção, com um olho ruim e carregado de sentimentos negativos.

Inveja é diferente de cobiça. Cobiçar é querer ter algo igual ao outro. Invejar é não querer que o outro tenha aquilo. "Inveja branca", um termo utilizado por muitos, não existe, este termo apenas reforça o racismo presente, ainda, em nossa sociedade. A inveja é tristeza. Nunca positiva. Segundo São Tomás de Aquino, "*tristitia alienum bonum*": tristeza pela felicidade dos outros. Em latim, *envidere*: não ver. O invejoso não vê a si, mas ao outro. Em *A Divina Comédia*, clássica obra de Dante Alighieri, o terceiro capítulo se refere ao Inferno, onde são apresentados os sete pecados capitais. Este inferno de Dante possui 9 degraus, cada um referente a uma profanação. No terraço referente à inveja, os invejosos são cegos, seus olhos são costurados pois seu castigo é não ver.

Em *Retórica - Parte II*, Aristóteles define a inveja com uma de nossas paixões: todos aqueles sentimentos que causam mudanças nas pessoas, fazendo com que tenham dificuldade de fazer seus julgamentos. Para ele:

"As pessoas geralmente sentem inveja daqueles que são iguais ou parecidos com elas mesmas em aspectos como idade, classificação social, proximidade, reputação e quantidade de bens" (apud FIGUEIREDO, 2011)

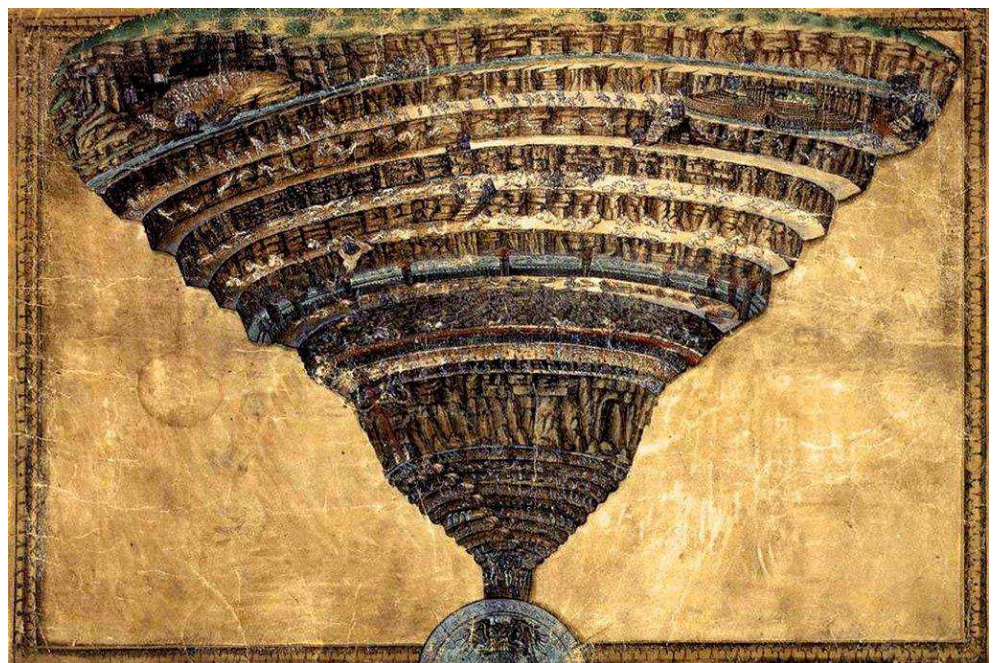


Figura 16: Mapa do Inferno, pintura de Botticelli, do século XV. (Fonte: Florence Inferno)

Existe uma aversão milenar à inveja, desde que essa vilã "é a força que desdenha de todos os sentimentos humanos" (FIGUEIREDO, 2011). Para Aristóteles, a inveja é insaciável e, para confirmar esta afirmação, o poeta Miguel Unamono diz que "a inveja é mil vezes mais terrível do que a fome, porque é a fome espiritual" (apud FIGUEIRERO, 2011).

Este é o pecado vergonhoso: quase ninguém admite tê-lo. Ao invejar alguém, confirmamos que algo nos falta. "A inveja é um espetáculo que corrói" (OVÍDIO, apud FIGUEIREDO, 2011). Do ponto de vista psicanalítico, muito foi falado a respeito deste pecado por Freud, Lacan e Klein. Falaram sobre o complexo de castração⁶, complexo fraternal⁷ e alguns outros conceitos que não serão aprofundados aqui visto sua grande complexidade. Mas foi Klein quem sistematizou grandes descobertas acerca da inveja na psicanálise. Ela descreveu os diferentes aspectos da inveja, do ciúme e da voracidade:

"A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso do invejoso o de tirar este algo ou de estraga-lo. [...] O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. [...] A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e que o objeto é capaz e está disposto a dar" (KLEIN apud FIGUEIREDO, 2011, p. 185)

Na Bíblia Sagrada, temos o mito de Caim e Abel, a estória sobre dois irmãos. Caim, com inveja se seu semelhante, acabou matando-o. Afinal, "sentimos inveja dos que nos são iguais por nascença" (ARISTÓTELES, apud FIGUEIREDO, 2011).

Algumas pessoas, fazem consultas com benzedeadoras⁸, sempre indicadas de boca a boca e que não cobram pelo serviço oferecido. Em novembro

⁶ Para Freud, a inveja surge no desenvolvimento feminino quando a menina percebe a falta do pênis, órgão que alguém do sexo oposto possui. Esta inveja foi denominada por ele como "complexo de castração" de onde deriva a "inveja do pênis". Este conceito aparece pela primeira vez na obra freudiana *Sobre as teorias sexuais da criança* (1908).

⁷ Segundo Freud, é uma variante do complexo de Édipo (a hostilidade da criança é dirigida ao pai de sexo oposto), porém a rivalidade da criança é dirigida ao seu semelhante: o irmão.

⁸ Benzedor, Curador ou simplesmente Rezador é uma atividade, muitas vezes considerada curandeirismo, destinada a curar uma pessoa doente, aplicando sobre ela gestos, em geral acompanhados por alguma erva com pretensos poderes sobrenaturais, ao tempo em que se aplica uma prece. Constitui-se num importante elemento da cultura popular do Brasil, e tem suas origens no sincretismo religioso.

de 2017, o Jornal Globo Rural exibiu uma matéria que mostra que no Estado do Paraná, benzedores dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, se organizaram e hoje têm até carteirinha da Secretaria de Saúde. Agora, a luta é para que outro município vizinho, Irati, também faça a sua lei. Estas pessoas estão sendo convidadas, inclusive, por professores universitários para levarem seus conhecimentos empíricos sobre o uso de plantas de cura para dentro da sala de aula, a fim de conectar a sabedoria popular com o mundo científico.

O estudo da inveja e de seus possíveis meios de "cura" nos levam, portanto, a um maior entendimento sobre as paixões humanas, e nos permitem uma reflexão acerca de nossos afetos, desejos e comportamentos que decorrem destes sentimentos.

2.4 SEMÂNTICA E PRODUTO

Quando uma palavra ou uma imagem implica alguma coisa além do seu significado imediato, estas são simbólicas. Através da aplicação destes símbolos no objeto, pode-se conferir a este um significado desejado a fim de gerar uma identificação instantânea da parte do usuário, desde que a percepção é nossa faculdade primária. Mas, nem todo símbolo remete a algo que conhecemos de fato:

"Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens" (JUNG, 1992, p. 21)

Como este trabalho consiste no estudo de crenças, um assunto tão subjetivo, faz-se necessário, assim, o estudo de símbolos que remetem a este universo espiritual a fim de tornar o produto mais atrativo ao público alvo estabelecido no capítulo seguinte.

"A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um sol 'divino' mas, neste ponto, nossa razão é incapaz de descrever um ser 'divino'. Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de 'divina', estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta" (JUNG, 1992, p.21)

De acordo com Baxter (2000), o "simbolismo do produto é a imagem transmitida pela aparência do produto, são os valores humanos associados aos produtos" (apud TAKAMITSU, MENEZES, 2015).

De modo tal, faz-se necessário o estudo de símbolos que remetem à proteção contra o mau olhado para a confecção da joia talismã. Estes símbolos servem para o estudo de formas que darão origem aos conceitos.

2.5 CONCLUSÃO DA REFERENCIAL TEÓRICO

Através do referencial teórico, pôde-se determinar características a serem inseridas no produto:

- A joia deve ser confeccionada, revestida ou banhada em prata, ouro ou platina;
- A peça possuirá uma ou mais gemas preciosas, sempre com um significado simbólico de proteção contra o mau olhado.

3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa, é possível entender mais a respeito da escolha do produto projetado, bem como o mercado de joias e seu público alvo. Aqui também são analisadas as características estrutural e usual de um colar e a simbologia do mau olhado. Por fim, estão dispostas as diretrizes projetuais que guiarão as etapas seguintes do trabalho.

Aqui, encontram-se ainda resultados obtidos através de um questionário (Apêndice A – questionário com resultados), serviço oferecido pela plataforma Google (Figura 17), que ficou disponível entre os dias 28 e 31 de janeiro de 2018 e contou com a ajuda de 107 colaboradores.

Alguns entrevistados (29%) negaram usar ou já ter feito uso de talismãs, no entanto 86% dos 107 colaboradores afirmaram que comprariam uma joia com o significado de proteção contra o mau olhado. Pôde-se, portanto, mais uma vez validar a oportunidade para este projeto. No entanto algumas das justificativas para não comprar a joia não se tratam apenas da falta de crença de alguns mas também de uma ideologia (dos que creem): estes entrevistados não acreditam que uma peça de proteção possa ser comercializada.

Figura 17:
Printscreen da tela do formulário disponível pela plataforma Google Forms. (Fonte: do autor, 2018)



3.1 O PRODUTO: COLAR TALISMÃ

No início do trabalho, ainda não havia sido definido qual peça de joia seria elaborada mas, por meio do questionário aplicado, o objeto mais votado foi o colar (74,8%) e, em segundo lugar, o anel (17,8%).

As justificativas para essa escolha foram variadas: conforto; praticidade; preferência pessoal, por ser o tipo de joia que já utilizam no dia a dia; crença em uma proteção mais uniforme no corpo; proximidade com o coração; dificuldade de perder a peça (quando comparado com anéis e

brincos); e, por fim, para alguns a preferência se dá por conta de sua visibilidade, mas a maioria enalteceu o gosto por uma peça mais discreta, fácil de esconder da visão de outras pessoas.

Um entrevistado mencionou uma informação relevante: "o colar é mais interessante, pois fica perto do 4° ou 5° chakra, sendo muito importante". Anahata (câmara secreta do coração, para os hindus, trata-se do 4º chakra⁹, o cardíaco representado pela cor verde e pela lótus de 12 pétalas, está ligado à glândula timo, e os cristais que o representam são os quartzos verde e rosa e esmeralda. Esta representação deve estar no produto.

3.2 ANÁLISE DE MERCADO

3.2.1 MERCADO BRASILEIRO DE JOIAS

Segundo o Jornal R7, o mercado brasileiro de joias cresceu cerca de 20% no ano de 2017.

Segundo a Inteligência Setorial do SEBRAE, os produtos de luxo passaram a estar mais acessíveis a um maior número de consumidores:

"De acordo com estudo realizado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pelo portal Meu Bolso Feliz, o significado do luxo para os brasileiros das classes A, B e C mudou. Não existe um único conceito sobre o que é luxo, mas sim novas concepções, de forma que o luxo seja possível e acessível a todos." (SEBRAE, 2015)

A fonte também afirma que: 68% destes consumidores de joias pertence à classe C, e que a média total de gastos dos consumidores brasileiros dos serviços de luxo é de R\$ 18 mil por ano; além disso a informação é de que 63% deles tem entre 25 e 55 anos

Em outra pesquisa do SEBRAE, em 2016, o mercado de gemas preciosas teve um faturamento anual de aproximadamente US\$ 6,5 bilhões. O Brasil era, neste ano, responsável pela produção de 1/3 de gemas no mundo todo e estava entre os principais produtores mundiais de

⁹ A palavra "Chakra" vem do Sânscrito e significa "roda de luz". Chakras são centros de energia que representam os diferentes aspectos da natureza sutil do ser humano (corpo físico, emocional, mental e energético). Os sete principais Chakras ficam localizados ao longo da coluna vertebral do corpo humano e, segundo a Tradição Hindu, seguem as cores do arco-íris.

esmeraldas, e ,em larga escala, produzia citrino, ágata, ametista, turmalina, água-marinha, topázio e cristal de quartzo, sendo ainda o único a produzir topázio imperial e turmalina paraíba.

Segundo especialistas do Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM):

“O Brasil tem tanto capacidade como competitividade para lapidar pedras de média e boa qualidade. Além disso, o potencial para exportação da indústria joalheira de produtos industrializados (gemas lapidadas, joias e folheados) do Brasil é crescente. De acordo com o Instituto, em 2013, foram exportados US\$ 45.429 de pedras preciosas em estado bruto; US\$ 27.490 de rubis, safiras e esmeraldas lapidadas; e US\$ 36.188 de joalheria (ourivesaria e metais preciosos). (SEBRAE, 2016)”

O mercado encontra-se, portanto, receptivo ao consumo de novas joias. Outro fator importante é que toda a matéria prima e mão de obra utilizadas na peça serão de origem brasileira, sendo isto um incentivo à economia local.

3.2.2 PÚBLICO ALVO

As 92 (86%) pessoas que demonstraram interesse na compra, são homens e mulheres entre 20 e 64 anos. No entanto, por ser a crença um aspecto muito subjetivo, não determinado por idade ou gênero, não cabe a este trabalho delimitar tais aspectos do usuário público alvo.

No questionário, uma pergunta dizia respeito ao consumo de bens agênero, uma definição diferente de unissex - por acreditar que as questões de gênero são construções sociais, a definição agênero é adotada neste trabalho e difere do pensamento binário:

“De acordo com Françoise Héritier, o sistema binário de pensamento teria surgido nos grupos humanos primitivos, mas teorizados na Grécia Antiga pelo filósofo Aristóteles, cerca de 300 a.C. Esse sistema tem como base os fenômenos naturais opostos: o quente e o frio, o alto e o baixo, o forte e o fraco, o seco e o molhado, o feio e o bonito, o sol e a lua, o dia e a noite, a luz e a escuridão, a coragem e o medo, o duro e o mole, etc., que foram categorizados por Aristóteles como masculino e feminino.” (OLIVEIRA, 2013, p. 30)

Essa concepção tão definida de gênero vem mudando, desde que homens e mulheres tem assumido papéis diferentes (dos de antigamente) em suas casas e fora delas.

Há anos, algumas empresas já optam por não mais distinguir suas peças de vestuário como “feminina” ou “masculina”. A moda sem gênero ficou mais forte em 2015 nas passarelas das semanas de moda. O desfile da **Gucci** assinado por Alessandro Michele com peças feitas tanto para homens e mulheres trouxe novos ares para o mercado. Em seguida, diversas marcas trilharam pelo mesmo caminho: C&A, Zara, Rick Owens, Alexandre Herchcovitch, Dudu Bertholini, entre outros.

3.3 ANÁLISE ESTRUTURAL

Como sabemos, um colar pode ter os mais diversos elementos e estruturas, porém aqui é analisada a mais comum delas (figura 18) que consiste, geralmente, em 3 partes: fecho, fio (corrente), pingente ou pendente (opcional). Cada um deles possui uma função:

1 Fecho: tem como função fechar e abrir a peça, facilitando o uso. Seu formato pode dar continuidade à joia (quando segue a forma da

corrente), ou não (quando é bem distinto do restante dos elementos). No entanto, quando a corrente é muito longa e capaz de passar pela cabeça do usuário sem necessidade de abertura, o fecho torna-se dispensável (como nos escapulários, por exemplo).

2 Fio: tem a função de acomodar a joia no colo do usuário. O fio pode ser uma corrente, uma chapa metálica, composto por miçangas, ou até a mistura destes elementos. Algumas correntes possuem argolas soldadas em suas extremidades que são ligadas ao fecho.

3 Pingente: função de decoração. Pode vir solitário, em grupo, ou vários espalhados ao longo da corrente. Nem todo colar, no entanto, possui pingentes ou pendentes.

Figura 18:
Esquema de partes do colar de prata com pingente banhado a ouro, do ateliê Faris. (Fonte: do autor, 2018)



No mercado joalheiro, pode-se encontrar diversos tipos de cada um destes elementos. Temos aqui alguns exemplos das correntes mais comuns utilizadas em algumas joias, e que podem ser encontradas em diversas cores (dependendo do metal que a compõe) e tamanhos (espessura e comprimento):

| Tipo | Vetor |
|--------------------------------|---|
| Corda ou cordão de vários fios |  |
| Com elos quadrados |  |
| Portuguesa (elos redondos) |  |
| Groumett |  |
| Groumett com fios longos |  |
| Cartier |  |
| Fígaro |  |
| Cobra |  |
| Serpentina |  |
| Veneziana |  |
| Rabo de Rato |  |

Tabela 1: Amostra de algumas correntes disponíveis no mercado. (Fonte: do autor, 2018)

3.3.1 SISTEMAS FUNCIONAIS

O sistema funcional de um colar consiste no fecho e muitos são os tipos encontrados para a confecção de joias. Aqui, temos alguns exemplos:

| Tipo | Imagem | Sistema |
|----------|---|---|
| Mola |  | Mola |
| Boia |  | Mola (com alavanca mais robusta) |
| Italiano |  | Mola |
| Anzol |  | Encaixe de anzol à argola perpendicular |
| T |  | Encaixe perpendicular entre bastão e argola (quando encaixados, estes ficam paralelos) |
| Gravata |  | Extremidades da corrente deslizam por dentro de um anel metálico com revestimento interno de silicone |
| Gaveta |  | Encaixe macho-fêmea interno com trava externa |
| Gancho |  | Encaixe perpendicular dos ganchos |

Tabela 2: Amostra de sistemas de fecho para colares. (Fonte: do autor, 2018)

3.4 ANÁLISE ERGONÔMICA

Nesta etapa, estão detalhados a análise de usabilidade (ações, pegas e manejos; limpeza; alergias) e os levantamentos de dados da antropometria.

3.4.1 ANÁLISE DE USABILIDADE

A fim de verificar os tipos de pegas e manejos realizados pelo usuário, foram registradas imagens do uso de um colar de prata, com corrente rabo de rato com 48 cm de comprimento, fecho tipo mola de 6 mm de diâmetro externo e pingente de 5 cm de comprimento:

Figura 19: Ação de abertura do fecho.
(Fonte: do autor, 2017)



1 Ação de abertura: indicador e polegar de ambas as mãos manuseiam o fecho (mão direita) e a argola (mão esquerda), realizando a ação de abertura do fecho. Manejo: fino. Pega: pinça pulpar. Fadiga: é necessário o esforço repetitivo para que o usuário consiga abrir o fecho.

Figura 20: Ação de posicionamento da peça no colo.
(Fonte: do autor, 2017)



2 Ação de posicionamento: manuseio de fecho e argola com as polpas dos dedos indicador e polegar (mãos direita e esquerda); braço em movimento de alavanca; leve elevação dos ombros. Manejo: fino. Peça: pinça pulpar. Fadiga: possível cansaço nos ombros. Alguns usuários vestem a peça pela frente para facilitar a visualização e consequente fechamento do fecho.

Figura 21: Ação de fechamento da trava.
(Fonte: do autor, 2017)



3 Ação de fechamento (figura 21): indicador e polegar de ambas as mãos encaixam o fecho na argola do colar. Manejo: fino. Pega: pinça pulpar. Fadiga: pode haver na mão que segura o gatilho do fecho.

O fecho, por ser muito pequeno, poderá causar maiores dificuldades para outros usuários e por este motivo a peça projetada terá um fecho mais robusto do que este analisado (tipo mola).

Durante o uso da peça, a usuária relatou que este tipo de corrente não enganchou em seus pelos na nuca, fenômeno que já havia ocorrido com ela durante o uso de outras correntes do tipo rabo de gato (de maior diâmetro e com espaçamentos mais largos entre os elos quando comparada à rabo de rato).

Por ser uma peça agenero, deve-se evitar a inserção de miçangas na corrente ou elementos que possam enganchar nos pelos do colo ou nuca de qualquer usuário.

3.4.1.1 LIMPEZA DA PEÇA

Existem no mercado alguns produtos próprios para a limpeza de joias, como flanelas (que possuem produto químico e não podem ser lavadas) ou fluídos. Existe também uma forma de limpar a peça com uma solução de bicarbonato de sódio e água (figura 22): faz-se a diluição dos ingredientes em um recipiente (de vidro, preferencialmente), deixa-se a peça de molho na solução por alguns minutos. Para finalizar, deve-se enxugar o colar com um pano seco. Por possuir muitos detalhes em baixo relevo, a peça não foi totalmente limpa e talvez houvesse a necessidade do auxílio de uma escova.



Figura 22: Processo de limpeza da peça com solução de água e bicarbonato de sódio. (Fonte: do autor, 2017)

3.4.1.2 ALERGIAS

Por ser um produto de contato direto com a pele do usuário, existe a possibilidade de ocorrer dermatite de contato alérgica. Estas alergias ocorrem mais comumente a peças confeccionadas com ligas metálicas, mas raramente acontecem com joias de metais nobres puros.

3.4.2 LEVANTAMENTO ANTROPOMÉTRICO

Segundo o jornal britânico BBC (2009), o cientista Jimmy Bell realizou um estudo sobre a relação da circunferência do pescoço com problemas de sobrepeso. Neste estudo, ele determinou como “normais” as médias de 34,2 cm no caso das mulheres e 40,5 cm para os homens (diferença de 6,3 cm). Caso a peça tenha estrutura regulável, estas serão as medidas adotadas para a sua confecção a fim de adaptá-la ao colo de qualquer usuário.

Para facilitar o uso, o fecho da peça pode ser dispensado desde que sua corrente passe pela cabeça do usuário sem dificuldade ou desconforto. Para isso, foi utilizada como referência uma tabela de medidas antropométricas de cabeças estruturada por Catapan (2014) adaptada de Itiro lida (2005):

| Medições da Cabeça | Mulheres | | | Homens | | |
|----------------------------------|----------|------|------|--------|------|------|
| | 5% | 50% | 95% | 5% | 50% | 95% |
| Largura da cabeça de frente (cm) | 13,8 | 14,9 | 15,9 | 14,6 | 15,6 | 16,7 |
| Largura da cabeça de perfil (cm) | 16,5 | 18 | 19,4 | 18,2 | 19,3 | 20,8 |
| Circunferência da cabeça (cm) | 52 | 54,4 | 57,2 | 54,8 | 57,3 | 59,9 |

Tabela 3: Medidas antropométricas da cabeça, resumidas da norma alemã DIN 33402 (Fonte: Catapan, 2014)

Tomando como referência a maior circunferência de 59,9 cm, este deverá ser o comprimento mínimo da corrente.

3.5 ANÁLISE SIMBÓLICA

Esta etapa tem como objetivo reunir alguns dos símbolos presentes em amuletos e explicitar seus significados. De acordo com as definições presentes no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo:

Figa: “mão humana em que o polegar está colocado entre o indicador e o médio. É uma representação do ato sexual, em que o polegar é o órgão masculino e o indicador e o médio são o triângulo feminino. O símbolo da reprodução anula as influências negativas.”

Corno: “um dos amuletos mais poderosos é uma variante da figa, a

chamada mão cornuda, os dedos indicador e mínimo estendidos paralelamente, simulando chifres, e os dedos mais dobrados sobre a palma.”

Figura 23: De cima para baixo, da esquerda para a direita, temos uma mão cornuta, figa, olho turco, patuá, arruda, alho, gemas, sal, espada de São Jorge, ferraduras e carrancas. (Fonte: do autor, 2018)



Ferradura: “era frequente nos antigos simbolizar a ideia de vitória, figurando um cavaleiro que atropelasse ou pisasse um vencido. Desta ideia de atropelamento, representada especialmente no casco do cavalo, viria a da suposição de que a ferradura expulsava ou aniquilava os maus espíritos.”

Patuá: Amuleto que consiste em um saquinho, ou breve de pano ou couro, contendo uma oração qualquer, para trazer ao pescoço, pendente de uma fita ou cordão [...] Batista Caetano diz então que patuá é uma contração de *patiguá*, de *upatinguá*, o que pertence à rede ou cama: cesto, caixa, canastra, baú.

Alho: “afasta todas as feitiçarias, porque nenhuma resiste à barreira invisível determinada por ele. Onde existir alho, não há bruxaria por perto [...] Na ilha de Lesbos, no primeiro dia de maio, as moças colhem várias flores e plantas votivas, que suspendem às portas e janelas. Uma dessas plantas é o alho, afastador do mau olhado.”

Sal: “é citado por Jesus Cristo em linguagem simbólica, a conservação, a durabilidade [...] É o sal *sapientiae* no batismo católico [...] Elemento antimágico ou afastador de malefícios [...] Feiticeiro ou bruxa não pisam sal, que é substância sagrada.”

Arruda: “amuleto no catimbó, contra o mau olhado; afugenta com sua presença as forças contrárias. Seve para os banhos de cheiro, propiciadores de felicidade.”

Além destes, muitas pedras foram citadas pelos entrevistados como símbolos de proteção no questionário aplicado: olho de tigre, quartzo rosa, verde e ametista (roxo), turquesa, ônix, labradorita, turmalina.

Foi realizada uma visita a uma benzedeira na cidade de João Pessoa, no dia 19 de janeiro de 2018, conhecida como “Dona Dudui”. Não foram feitos registros imagéticos na ocasião. Dona Dudui recomendou banhos de “ervas cheirosas” (manjerição, arruda, alecrim, sálvia) nas sextas feiras, já o banho de sal grosso deve ser tomado nas terças, quartas e quintas, mas “só do pescoço para baixo”. Quando recebe pessoas que pedem para ser rezadas, Dona Dudui não aceita dinheiro pelo que faz, e começa sua reza com um ramo de folhas de mão: “Com dois te ‘butaram’, com três eu tirei, com o poder de Deus, com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima, não há quem possa mais do que Deus!”. A reza é longa e repetida três vezes (apêndice B). Por fim, ela passa na pessoa benzida uma mistura de 7 ervas (que ela não quis revelar) que chama de “jurema”.

Na reza, a referência “com três te tiro” pode ser interpretada como o terceiro olho, ou como a santíssima trindade. Este símbolo (da tríade) deve estar contido no talismã aqui projetado.

Além destes elementos e rezas, há uma planta muito utilizada com a finalidade de afastar o mau olhado: a espada de São Jorge. Pessoas a possuem em suas casas, a utilizam para banhos de limpeza espiritual e até carregam pedaços de suas folhas consigo como forma de amuleto (seja em formato de pingente ou em saquinhos, carteiras e bolsas). Acredita-se que objetos pontiagudos, assim como as folhas desta planta, também tem caráter protetivo.

3.6 REQUISITOS E PARÂMETROS

Através das análises realizadas, foram verificadas características positivas e negativas do produto, e, como conclusão de cada uma delas, foram definidos alguns requisitos e parâmetros que servem de guia para geração de conceitos, a fim de gerar uma joia com as qualidades desejadas:

| Requisitos | Parâmetros | Critério |
|--|--|-------------|
| Partes confeccionadas com metal nobre (de acordo com a NCM) | Prata 925 | Obrigatório |
| Coloração do metal por meio de banho com metal nobre | Banhos de ouro, ródio negro e/ou prata oxidada | Desejável |
| Fácil limpeza e manutenção | Evitar ranhuras ou gravações de baixo relevo | Desejável |
| Comprimento mínimo que evite o uso do fecho | Corrente de prata com, no mínimo, 59,9 cm de comprimento | Obrigatório |
| Utilizar elementos mineral que remeta à proteção contra mau olhado | Aplicação de gema preciosa | Obrigatório |
| Representação do <i>chakra</i> cardíaco | Aplicação de gema preciosa na cor verde | Desejável |
| Aplicar simbolismo da tríade | Composição triangular (com pedras ou outro elemento) ou forma triangular | Obrigatório |
| Fecho mais robusto que o tipo mola | Projetar fecho diferente dos analisados | Desejável |

Tabela 4: Requisitos e parâmetros para o projeto. (Fonte: do autor, 2017)

4 ANTEPROJETO

Estão aqui explicitados os métodos utilizados para a geração dos conceitos, as alternativas geradas e seus estudos tridimensionais (*mockups*), bem como a opção escolhida para ser refinada posteriormente e o porquê desta escolha.

4.1 MÉTODO DA GERAÇÃO DE CONCEITOS

Para a geração de conceitos, foram utilizadas algumas metodologias:

A princípio, foi utilizada a técnica de Baxter (2000) que se trata de estabelecer as preferências do usuário (entrevistado por meio do questionário) e aplicá-las ao produto a fim de torná-lo atrativo para o público alvo estabelecido.

Para a geração de formas, os símbolos de proteção foram trabalhados de forma bidimensional (desenhos), utilizando alguns princípios de composição da forma, como subtração, divisão, rotação e inversão (FONTOURA, 1982). As formas geradas deram origem a propostas de pingentes para o colar - elaboradas por meio da técnica de MESCRAI, sigla que se refere a "Modifique (aumente, diminua), Elimine, Substitua, Combine, Rearranje, Adapte, Inverta" (BAXTER, 2000).

Quando elaborados os conceitos, suas formas foram exploradas de maneira tridimensional por meio da confecção de *mockups*. Nesta etapa, o livro de Gail Greet Hannah, *Elementos do design tridimensional*, que fala da metodologia aplicada pela professora Rowena Reed Kostellow, serviu como guia.

A técnica de MESCRAI também será utilizada para o processo de seleção do conceito final.

4.2 GERAÇÃO DE CONCEITOS

Através da decomposição formal de alguns símbolos (olho humano, patuá e ferradura), foram elaborados 3 conceitos que contém a junção de alguns outros elementos simbólicos estudados nas análises anteriores. Para cada conceito, foram geradas mais de uma variação. Aqui, estão apresentados alguns dos *sketchs* com textos explicativos e fotos dos *mockups* construídos.

4.2.1 ESTUDOS DE FORMA

4.2.1.1 OLHO

Tomando como base os estudos sobre a inveja presentes no referencial teórico, percebeu-se que este mal está relacionado diretamente com os nossos olhos, com nossa visão, e, por este motivo, a forma do olho humano foi trabalhada:

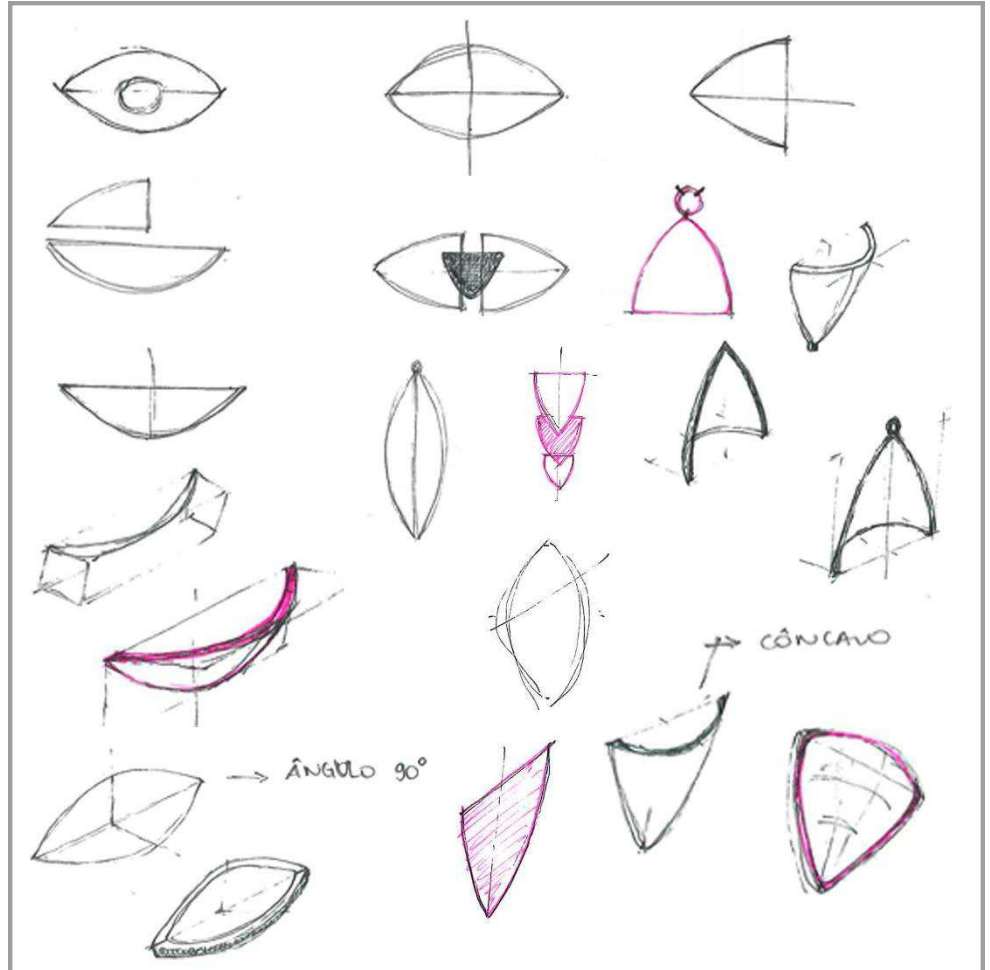


Figura 24: Geração de formas a partir do olho humano. (Fonte: do autor, 2018)

A partir destas formas, foram geradas alternativas de pingentes para o colar:

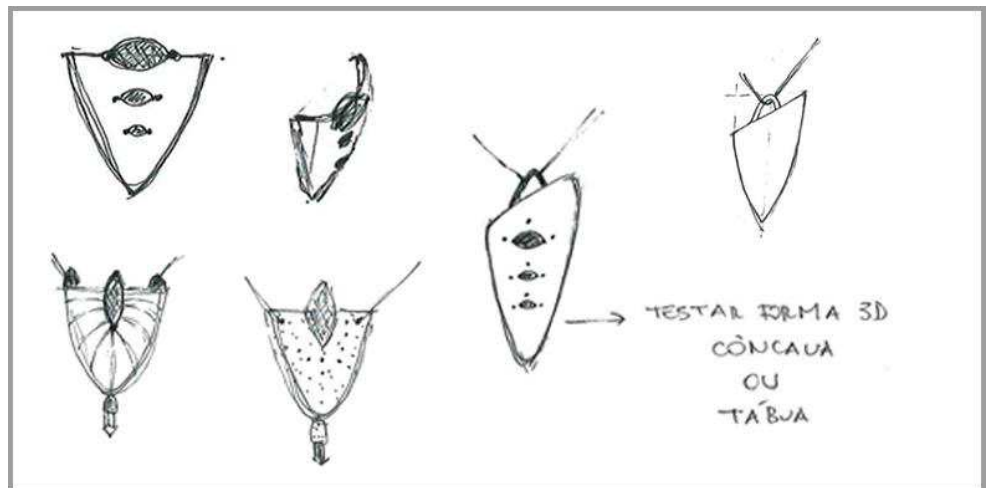


Figura 25: Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano (Fonte: do autor, 2018)

Figura 26:
Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano. (Fonte: do autor, 2018)

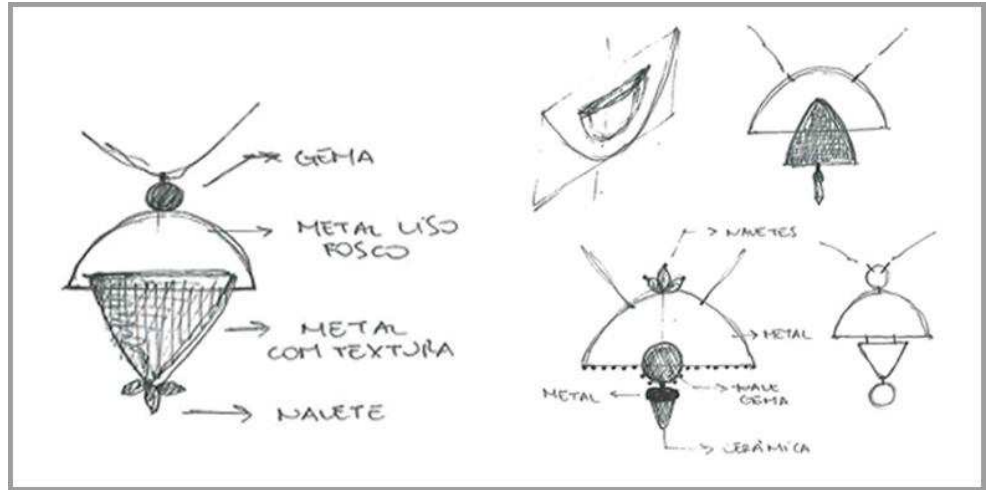
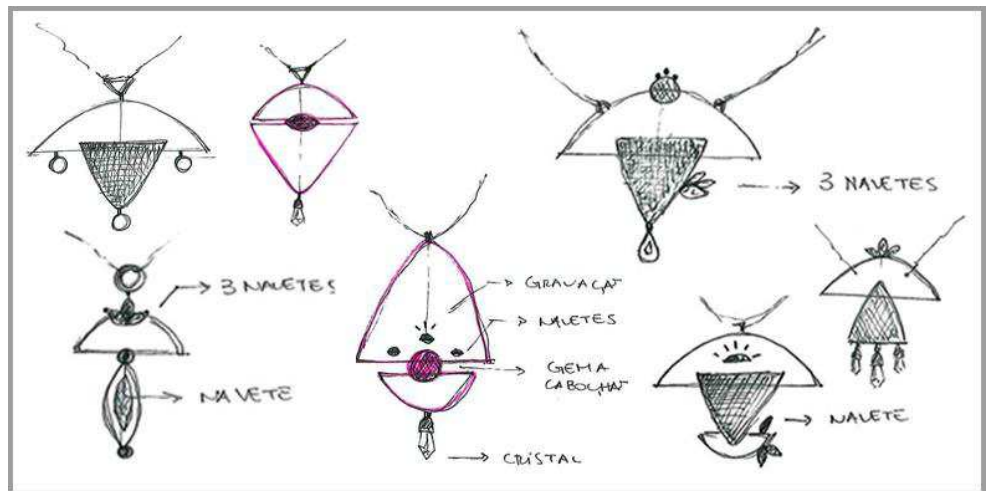


Figura 27:
Alternativas de pingentes a partir das formas do olho humano (Fonte: do autor, 2018)



4.2.1.2 FERRADURA

Aqui, a forma da ferradura foi trabalhada a fim de gerar alternativas de pingentes (sempre unidos a outros elementos simbólicos):

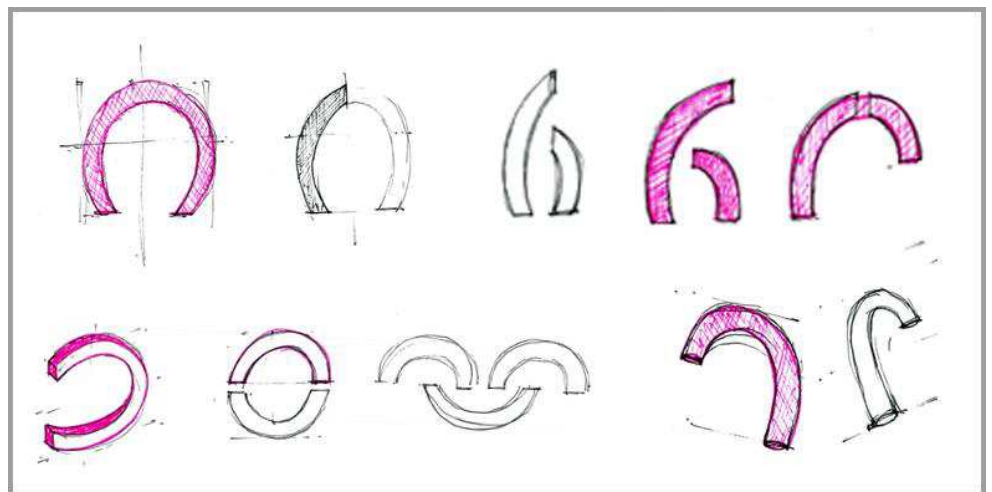


Figura 28: Geração de formas a partir da ferradura. (Fonte: do autor, 2018)

Figura 29: Geração de formas a partir da ferradura.
(Fonte: do autor, 2018)

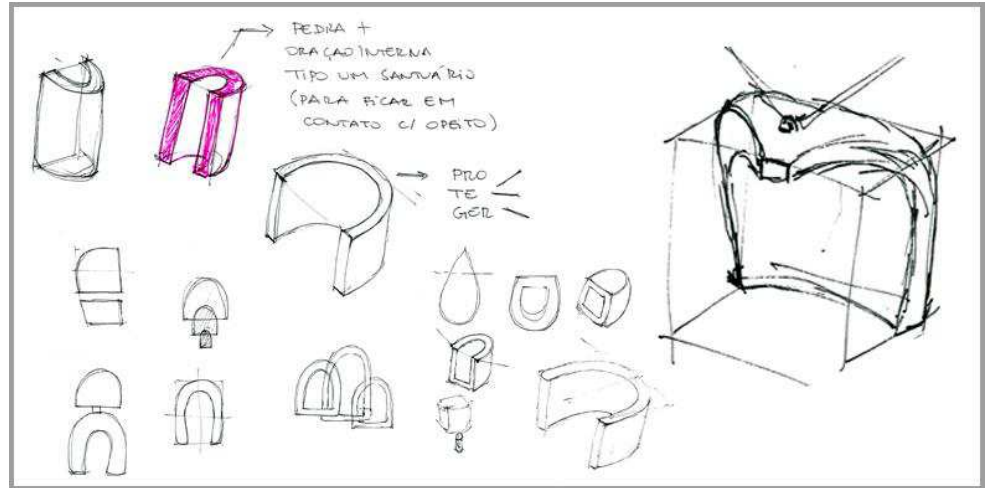


Figura 30: Alternativas de pingentes a partir das formas da ferradura (Fonte: do autor, 2018)

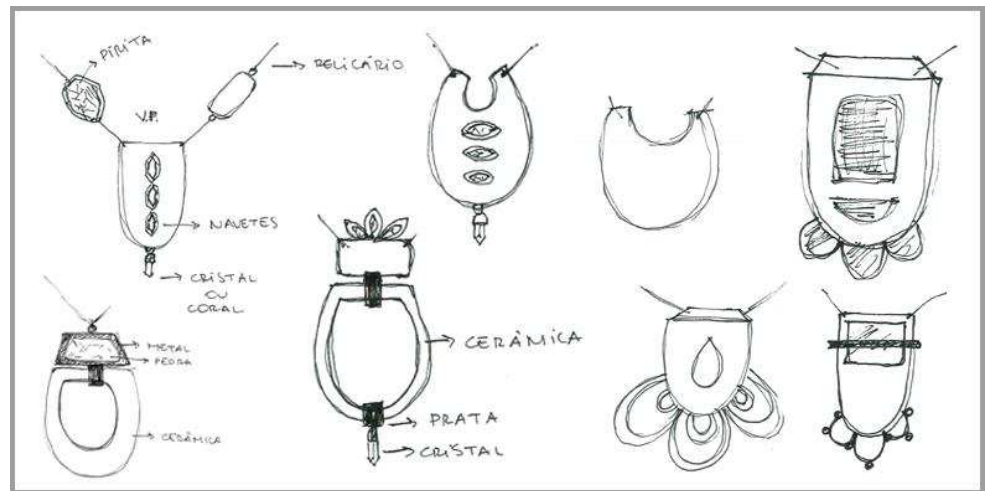
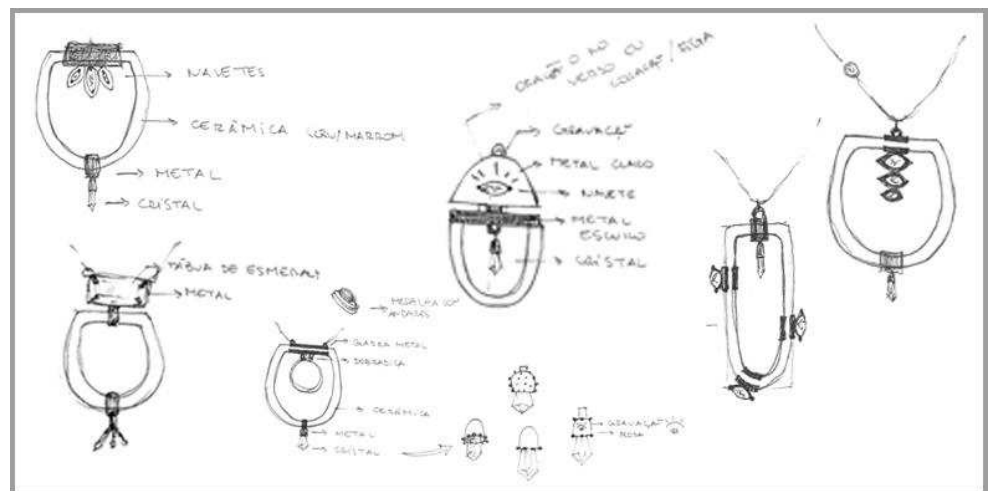


Figura 31: Alternativas de pingentes a partir das formas da ferradura (Fonte: do autor, 2018)



4.2.1.3 PATUÁ

O patuá, artefato popular que serve como espécie de relicário, teve sua forma aqui trabalhada:

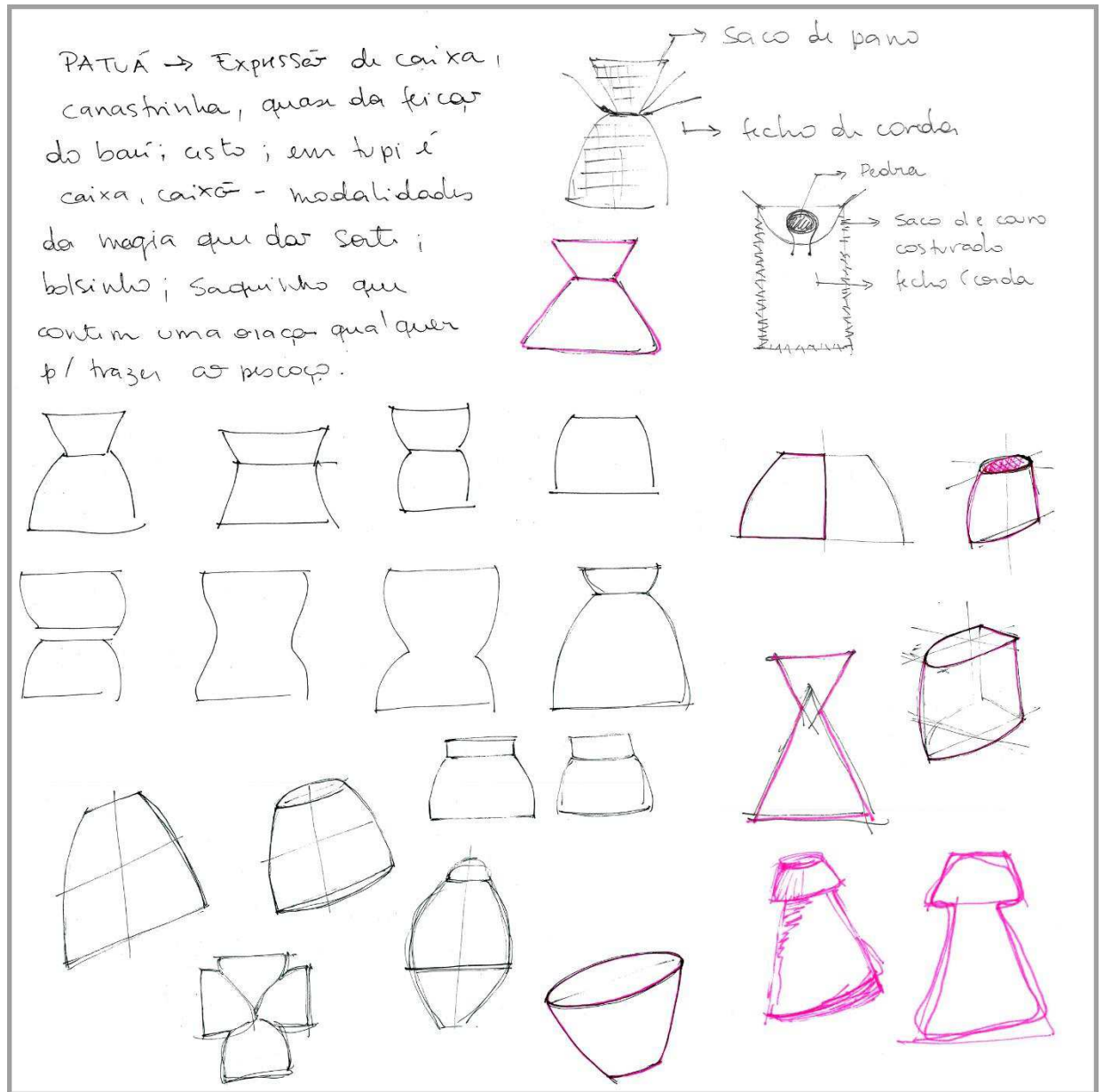


Figura 32:
 Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018)

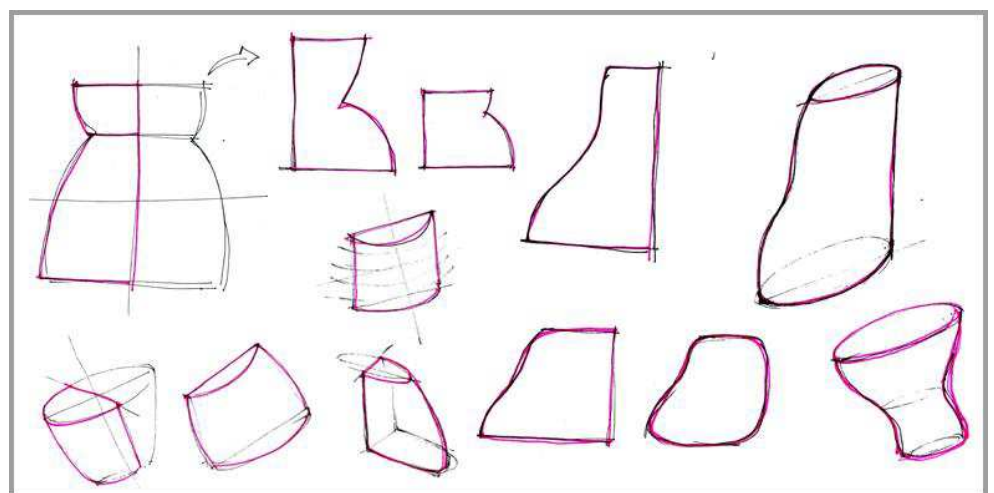


Figura 33: Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018)

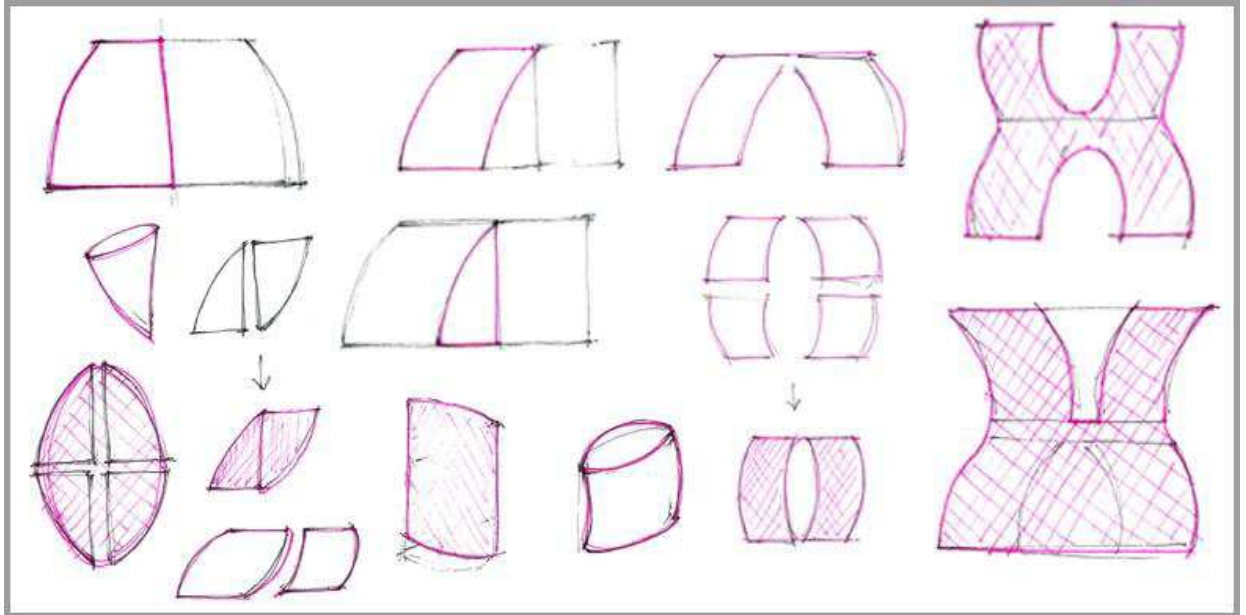


Figura 34:
Geração de formas a partir do patuá. (Fonte: do autor, 2018)

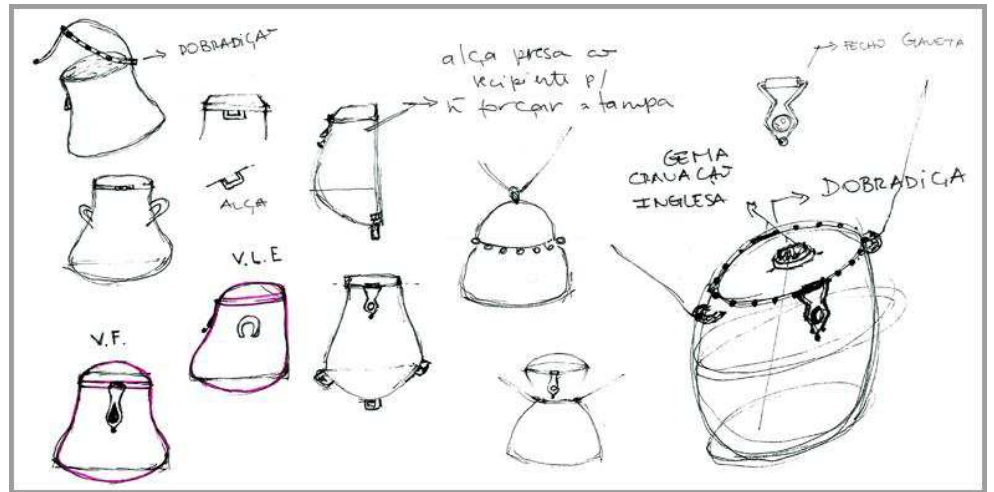


Figura 35:
Alternativas de pingentes a partir das formas do patuá (Fonte: do autor, 2018)

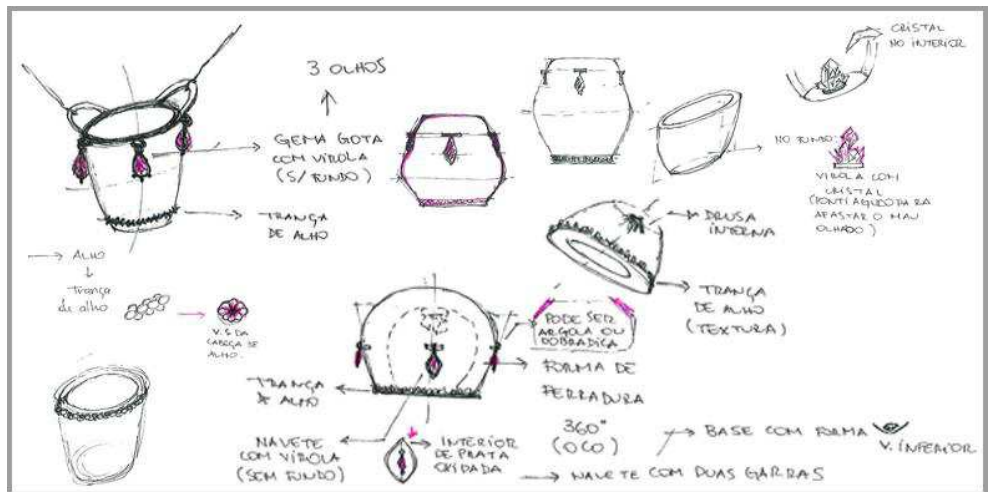


Figura 36:
Alternativas de pingentes a partir das formas do patuá (Fonte: do autor, 2018)

4.2.2 CONCEITO I - OLHO

A partir das formas do olho trabalhadas no tópic 4.2.1.1 (página x), e das alternativas de pingentes elaborados, foram gerados três variações do conceito I.

4.2.2.1 VARIAÇÃO A

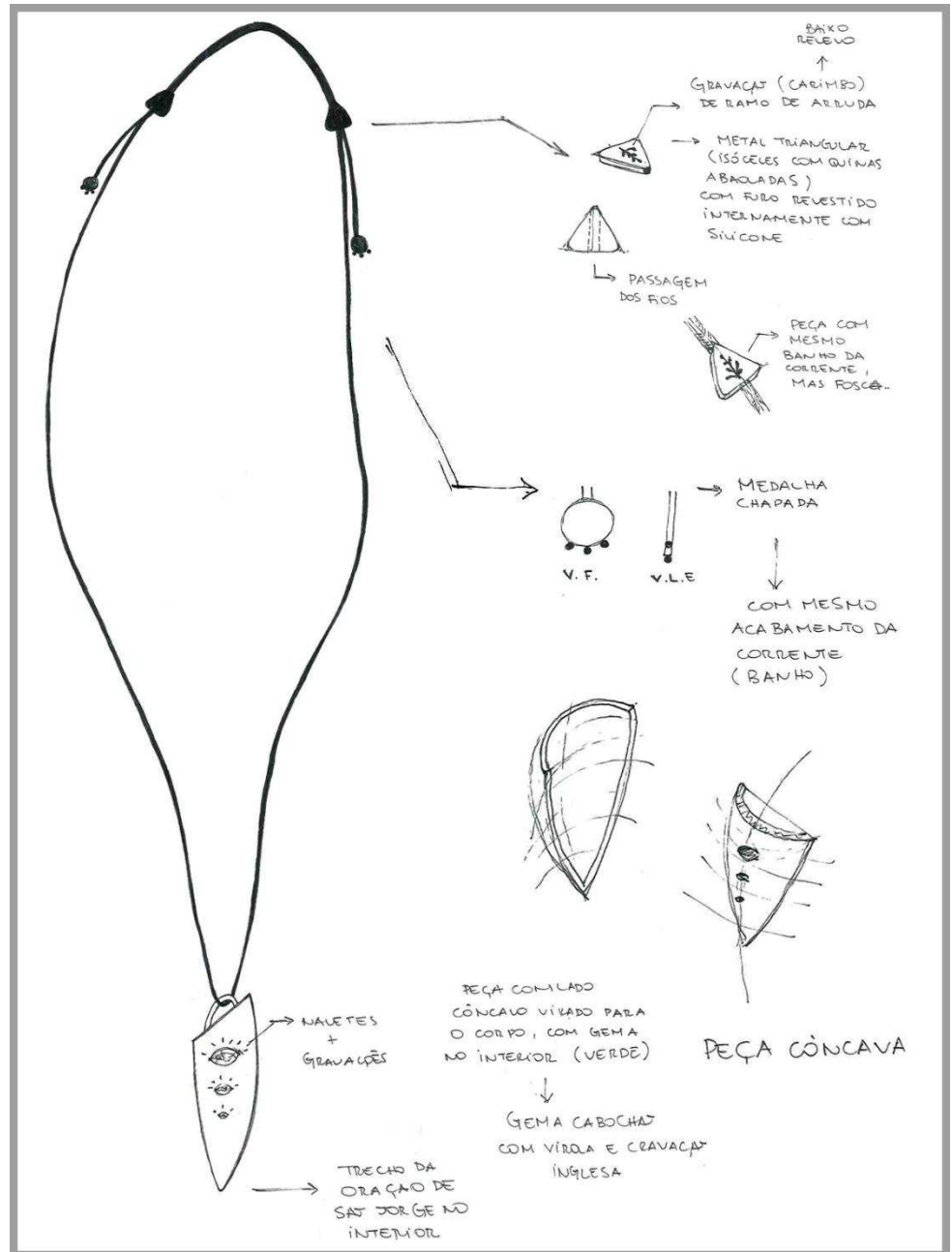


Figura 37: Sketchs do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2017)

Este conceito possui corrente regulável, do tipo rabo de rato, com 1 mm de espessura, confeccionada em prata 925 com banho de ródio negro (cor grafite) e tem 6,3 cm mais longa do que as demais correntes dos próximos conceitos O pingente também em prata 925 com banho de ródio negro, de forma pontiaguda, faz referência à espada de São Jorge

e possui três gemas navete com cravação inglesa (com virola¹⁰). Possui ainda gravações em baixo relevo. Possui alça em prata com banho de ouro 18k para passagem do fio da corrente.



Figura 38:
Lapidação navete
e cravação
inglesa. (Fonte:
Lua Mia)

O fecho regulável possui duas peças (prata 925 com banho de ródio negro) com revestimento interno de silicone, por onde passam os fios da corrente, e gravações em baixo relevo em forma de ramo de arruda. Foram geradas outras alternativas para estas peças:

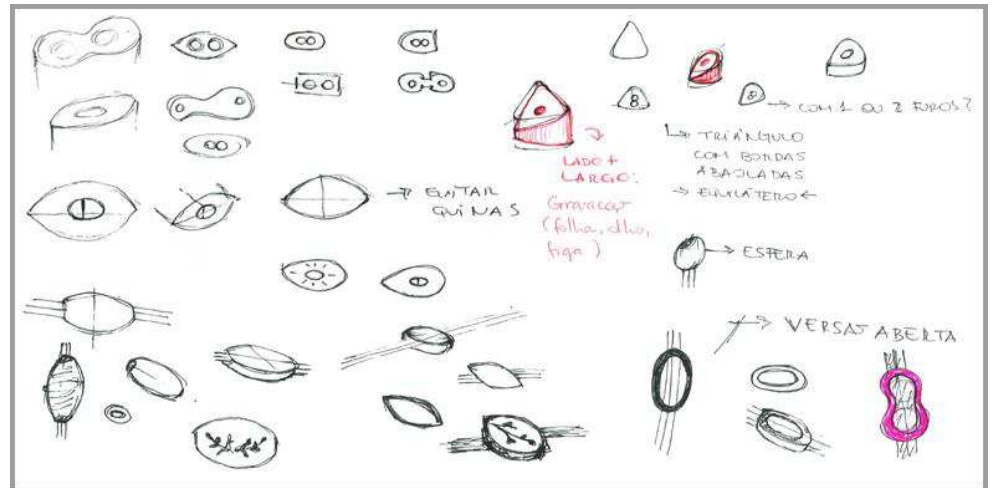


Figura 39: Sketchs
de fecho regulável
do conceito 1,
variação A. (Fonte:
do autor, 2017)

Nas extremidades da corrente, existem duas outras peças que servem de pega para o usuário (facilitando a regulagem), também confeccionadas em prata 925 com banho de ródio negro. Para estas peças, foram geradas outras alternativas formais (e simbólicas):

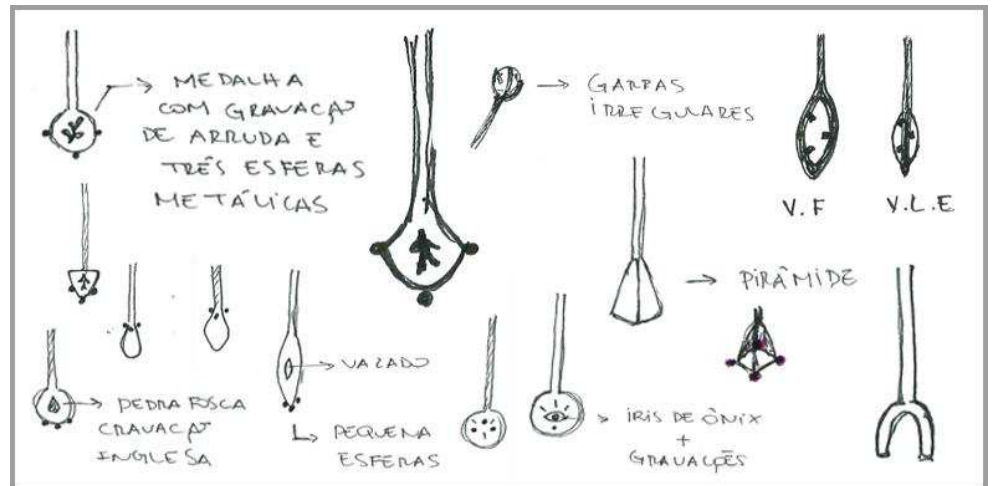


Figura 40: Sketchs
de fecho regulável
do conceito 1,
variação A. (Fonte:
do autor, 2017)

¹⁰ Aro ou anel de metal que circunda um objeto ou um mecanismo, a fim de apertá-lo ou reforçá-lo, podendo servir também de ornamento.

Para uma melhor visualização da peça, foi confeccionado um *mockup* com argila, fio encerado, tinta aquarela e papel *craft*. Foram testados três volumes diferentes para o pingente e, em um deles, foi simulada a cravação de uma gema na sua parte côncava (deixando a pedra em contato direto com o tórax do usuário).



Figura 41: Mockups do conceito 1, variação A. (Fonte: do autor, 2018)

4.2.2.2 VARIAÇÃO B



Figura 42: Cravação com garras. (Fonte: Amira Kalaf)

Este conceito é todo confeccionado com prata 925. A corrente é do tipo veneziana, de 1 mm de espessura, com banho de ródio negro (ou prata oxidada), e fecho do tipo boia. Ao longo do cordão, pequenas gemas facetadas em formato oval tem cravação inglesa com banho em ouro 18k (com argolas fundidas na base, que se unem à corrente).

As chapas metálicas superior e inferior tem banho de ouro 18k. A peça triangular côncava tem banho de ródio negro. Na placa superior, há uma gema (lápiz lazuli) com lapidação do tipo navete e cravação com garras.

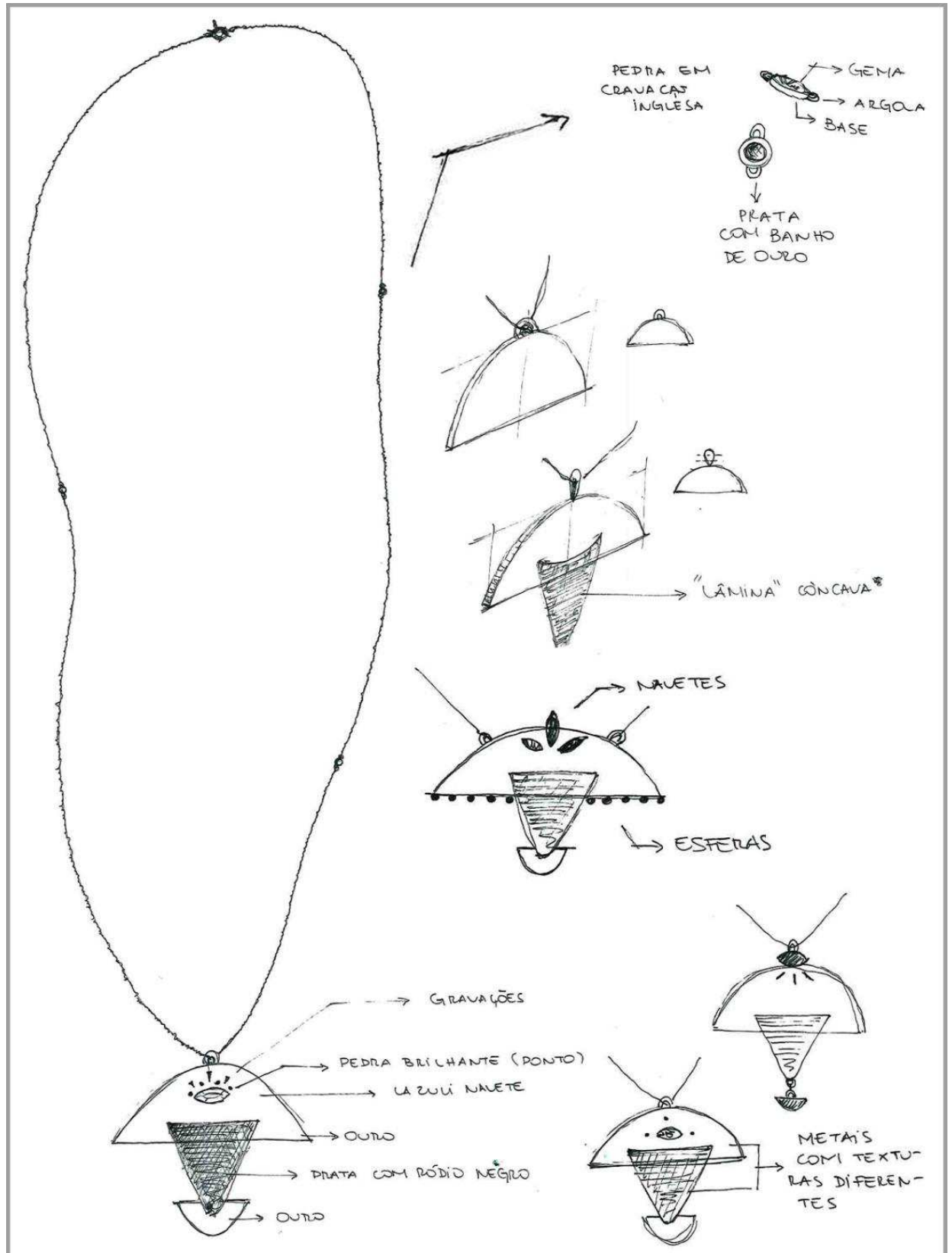


Figura 43: Sketchs do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2017)

Para entender melhor o volume da peça, foi confeccionado um *mockup* com cartolina, miçanga e cordão encerado. O tamanho da peça foi diminuído (em relação à proporção do sketch acima). Assim como na variação anterior, foi aplicada uma “gema” na patê côncava da chapa superior do pingente:



Figura 44: Mockup do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018)

4.2.2.3 VARIAÇÃO C

Também confeccionado em prata 925, a peça possui corrente do tipo portuguesa, com fecho de gancho (ambos com acabamento oxidado). A corrente se une ao pingente por meio de um triângulo com banho de ouro 18k e gravação em baixo relevo no formato de um ramo de arruda, que possui duas perfurações por onde entram argolas para fazer a união com o cordão. Com o pingente, este triângulo se une por meio de duas

argolas: uma soldada neste e outra soldada na placa metálica superior do pingente. Uma gema oval cabochão¹¹, com cravação do tipo inglesa com virola e base, une esta peça à outra placa metálica triangular e todas tem acabamento oxidado. Por fim, há um cristal de peridoto (gema verde escura) presa a uma virola com tampo (banho de ouro 18k) com argola soldada que se une a outra argola soldada na extremidade inferior da placa triangular:

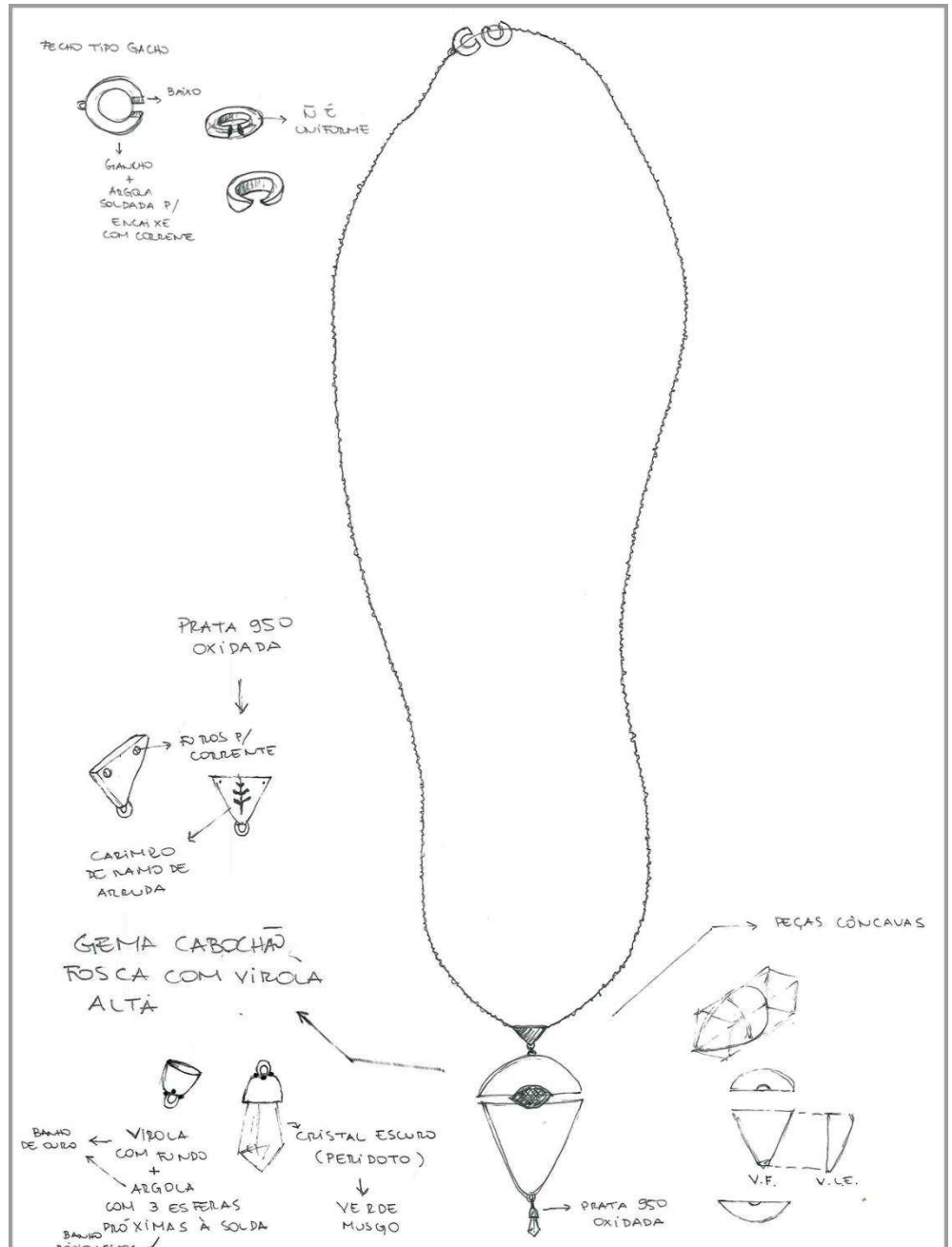


Figura 45: Sketchs do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018)

O *mockup* desta variação foi confeccionado com EVA (acetato-vinilo de etileno), papel, PU (Poliuretano), fio encerado e arame (figura 46):

¹¹ Lapidação não facetada. A gema tem superfície arredondada.



Figura 46: Mockup do conceito 1, variação B. (Fonte: do autor, 2018)

4.2.3 CONCEITO 2 – FERRADURA

Este conceito possui corrente do tipo portuguesa (elos redondos) de 1mm de espessura, em prata 925 oxidada. O fecho do tipo T é feito do mesmo material da corrente e é unido a esta por meio de pequenas argolas fundidas nas extremidades do cordão. Esta variação tem como referência a tríade e, por isso, foram aplicados nele três materiais diferente, porém de origem mineral: metal nobre (prata, ouro), gema preciosa e cerâmica esmaltada (peça inferior, em forma de ferradura). A garra metálica (que se une à ferradura por meio de pressão e à placa metálica superior por meio de dobradiças) é feita, também, em prata 925 oxidada (figura 47):

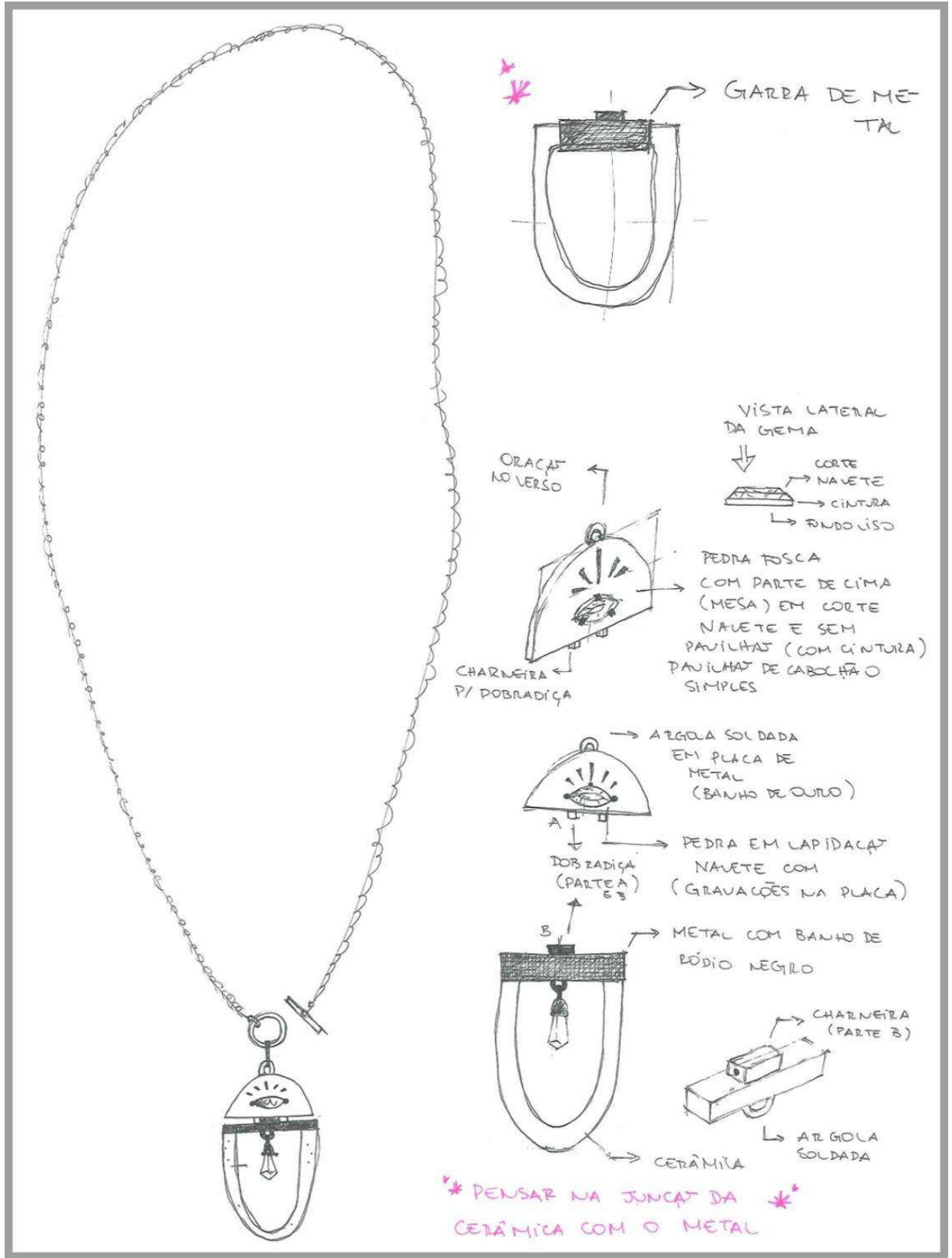


Figura 47: Sketch do conceito 2. (Fonte: do autor, 2018)

A peça superior (placa metálica) é feita em prata 925 com banho de ouro 18K. Foram geradas algumas alternativas formais para ela:

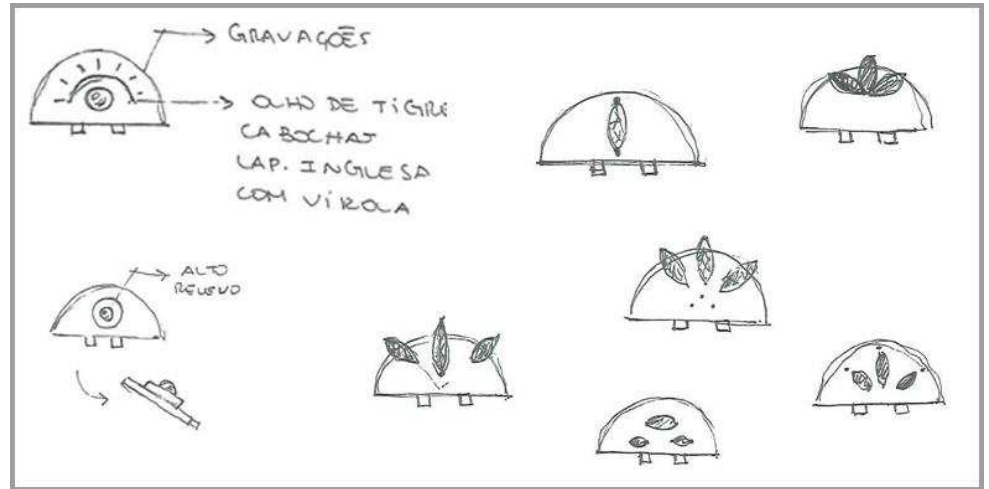


Figura 48: Sketchs para placa metálica superior do conceito 2. (Fonte: do autor, 2018)

Para o fecho, também foram geradas algumas alternativas formais:

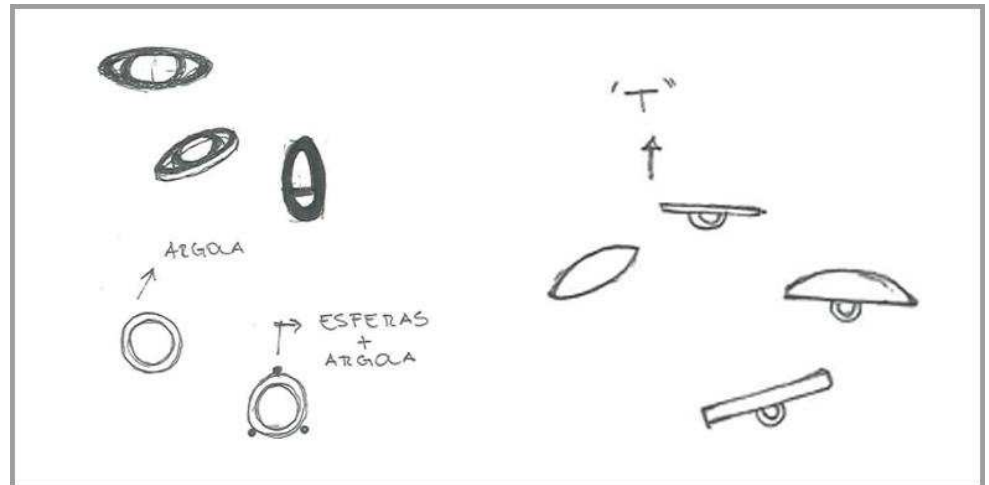


Figura 49: Sketch de opções de fecho para conceito 2. (Fonte: do autor, 2018)

O *mockup* foi feito em argila, fio encerado, papel *craft*, tinta aquarela, cartolina e isopor:



Figura 50: Mockup do conceito 2. (Fonte: do autor, 2018)

4.2.4 CONCEITO 3 - PATUÁ

Todo confeccionado com prata 925, tem corrente com elos quadrados. O pingente possui uma alça (por onde passa o fio) e possui formato de cesto, com interior vazado. Em sua base, há uma textura com pequenas esferas que fazem referência a uma trança de alho. Na parte mais estreita do cesto, existe a aplicação de três gemas com mesa dupla, unidas ao pingente por meio de dobradiças (o que gera movimento na peça). O fecho é de encaixe macho e fêmea, com gancho que se prende a uma gema cabochão (substituindo os pinos que geralmente aparecem nesse fecho do tipo gaveta):

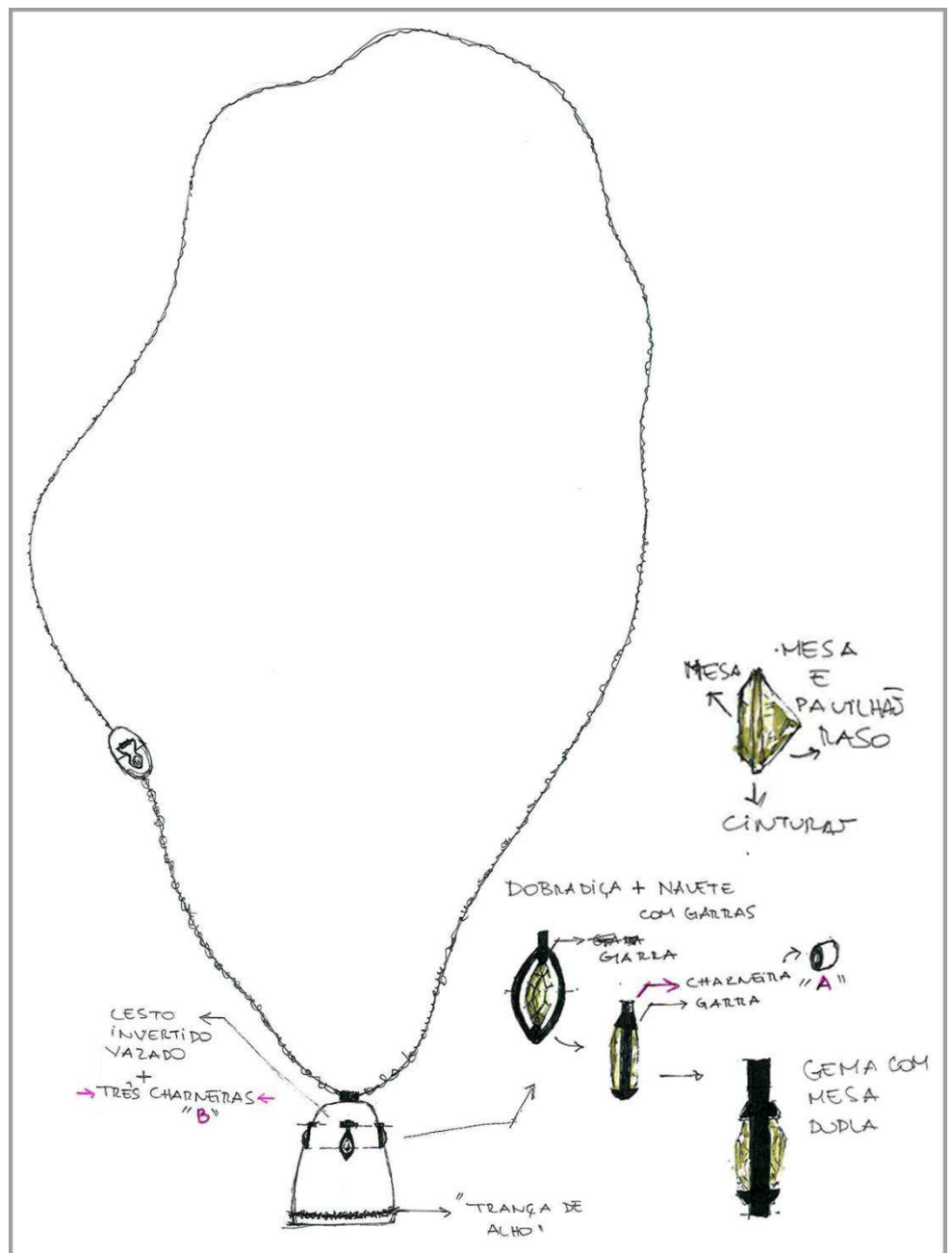
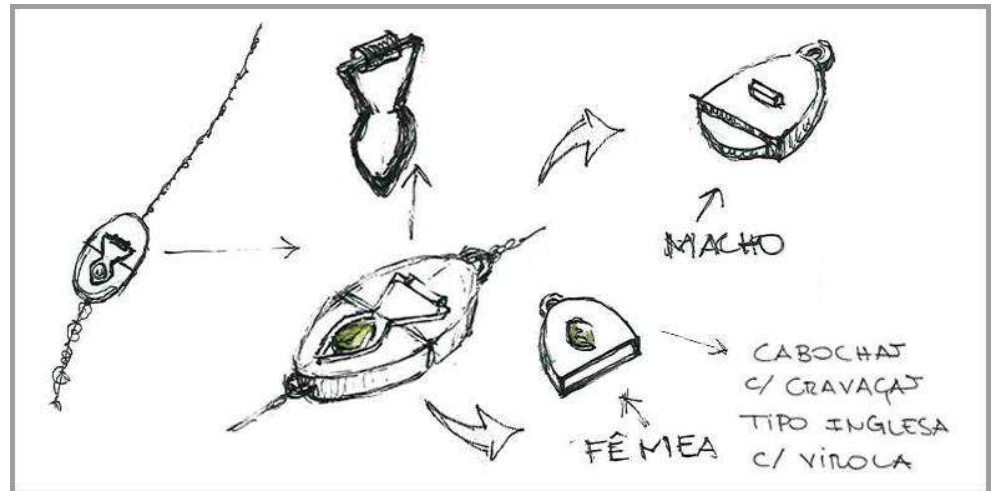


Figura 51: Sketchs do conceito 3. (Fonte: do autor, 2018)

Figura 52: Detalhes do fecho tipo gaveta do conceito 3. (Fonte: do autor, 2018)



Para este conceito, não foi confeccionado um *mockup*, mas foram testados volumes e formatos para o cesto com argila, PU e massa corrida:



Figura 53: Teste volumétrico e formais para pingente do conceito 3. (Fonte: do autor, 2018)

4.3 ESCOLHA DO CONCEITO

Para Lobach (2001), o conceito selecionado deve estar de acordo com as diretrizes projetuais, ou ser passível de modificação a fim de atingi-las. Foi verificado que as 5 propostas seguem todos os parâmetros definidos como obrigatórios, e a escolha se deu por meio da técnica de MESCRAI.

Dos fechos aplicados, apenas um seria comprado pronto (tipo boia) e, por isso, foi eliminado (projetar um fecho era um parâmetro desejável).

Os fechos do tipo gancho e T não são muito seguros, por não possuírem travas. O fecho regulável com aros de silicone foi eliminado por seu excesso de elementos. Por estes motivos, a opção escolhida foi o fecho do tipo gaveta (conceito 3), que se mostra o mais eficaz por possuir trava por pressão.

Entre os pingentes propostos, o que possui o maior número de elementos simbólicos é o do conceito 2 (ferradura). Além disso, foi feita uma entrevista informal com alguns dos entrevistados que responderam o questionário aplicado anteriormente, e estes afirmaram que o conceito de ferradura é o com maior aparência de amuleto (esta entrevista foi realizada de maneira verbal, com 7 pessoas; não houve registro).

Entre os tipos de corrente, a portuguesa foi escolhida por não conter quinas ou brechas entre os elos (que poderiam enganchar nos pelos dos usuários). Seus elos arredondados também são mais condizentes com as formas aplicadas nas outras peças escolhidas.

As peças selecionadas passaram por um refinamento na etapa a seguir.

4.4 CONCEITO ESCOLHIDO

O fecho escolhido, do tipo gaveta, com trava por pressão passou por um refino de sua forma, evitando quinas que possam machucar os dedos do usuário durante sua abertura e travamento. A trava deve conter uma leve inclinação em relação à gaveta do fecho (de encaixe macho-fêmea) para facilitar o uso.

O pingente escolhido foi o do conceito 2, que possui uma parte confeccionada em cerâmica esmaltada, porém, por falta de prévia análise sobre o material, este será descartado e substituído por prata 925.

Na próxima etapa, há o refinamento das peças. A proposta escolhida, passará por um refinamento no capítulo seguinte.

4.5 REFINAMENTO DO CONCEITO

O fecho e pingente selecionados passaram por um refinamento de suas formas:

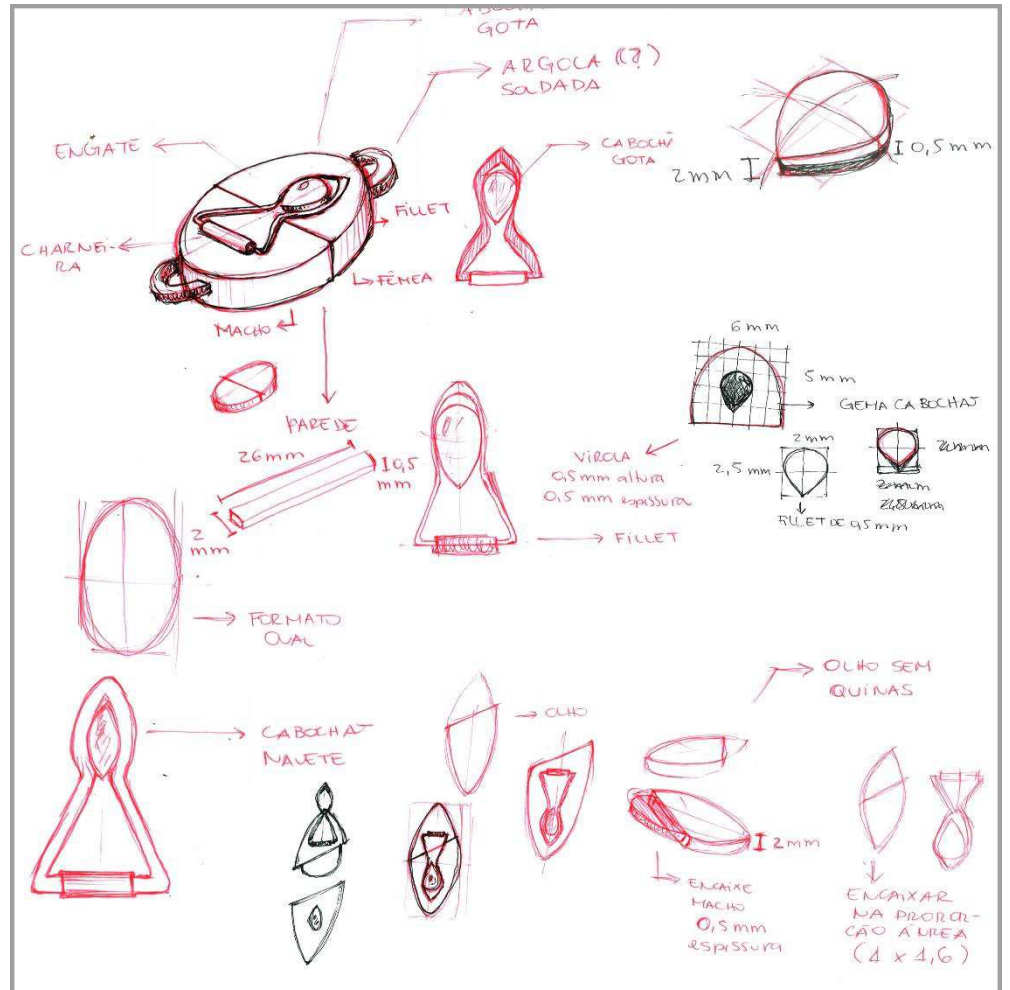
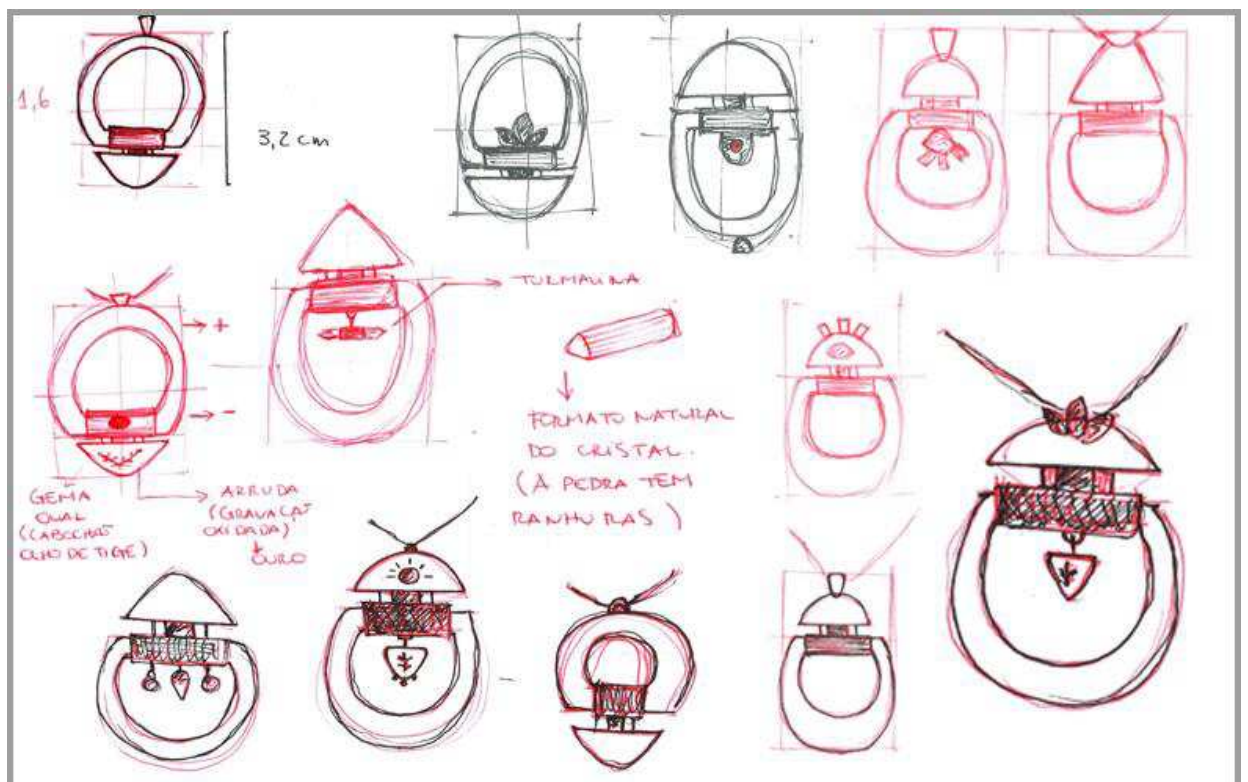


Figura 54:
Refinamento do fecho. (Fonte: do autor, 2018)

Figura 55:
Refinamento do pingente
ferradura. (Fonte: do autor, 2018)

O fecho, antes muito pontiagudo, teve suas arestas suavizadas. Já para o pingente, foram geradas mais algumas alternativas:



Nesta etapa, foi percebido que as formas geradas da ferradura na etapas de geração de formas eram mais complexas e que aqui foi aplicado apenas a forma mais simples da ferradura. Por este motivo, ela foi modificada:

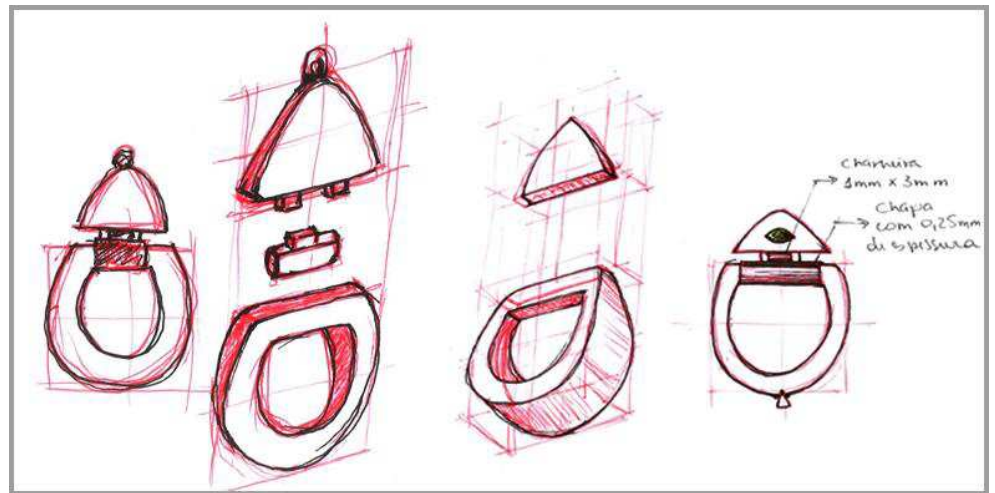


Figura 56: Extrusão da ferradura.
(Fonte: do autor, 2018)

4.5.1 GEOMETRIZAÇÃO DA FORMA

Esta etapa teve como referência o livro "Geometria da Forma", de Kimberly Elam.

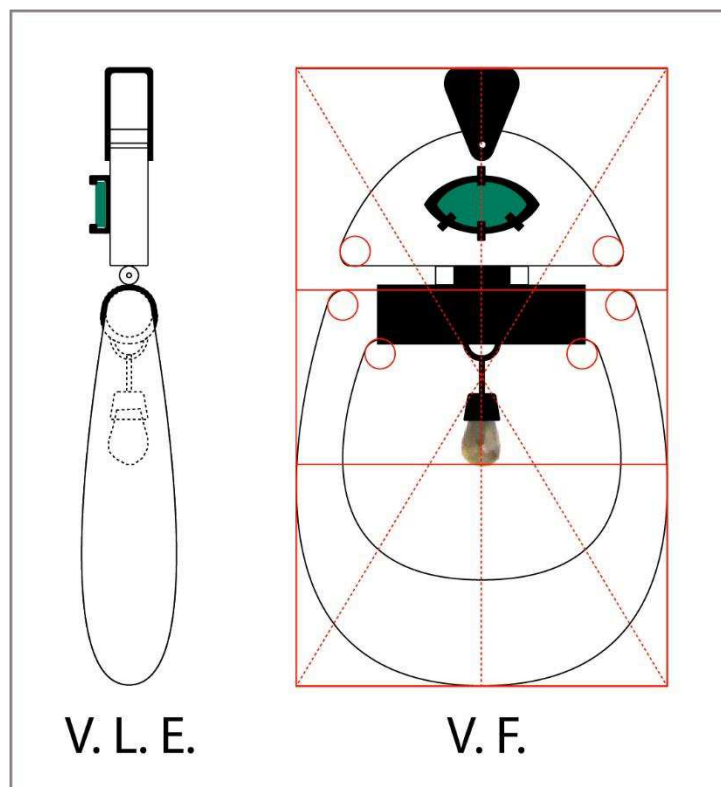


Figura 57:
Geometrização da vista frontal do pingente (Fonte: do autor, 2018)

4.5.1.1 FECHO

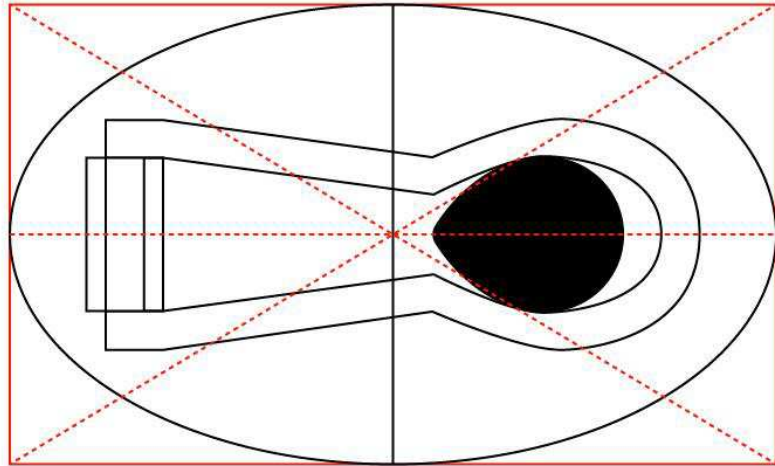
O pingente teve sua forma suavizada e, assim como o fecho, foi inscrito no retângulo áureo. Foram eliminadas as quinas vivas que poderiam ferir o usuário. Sua vista frontal possui simetria vertical.

4.5.1.2 PINGENTE

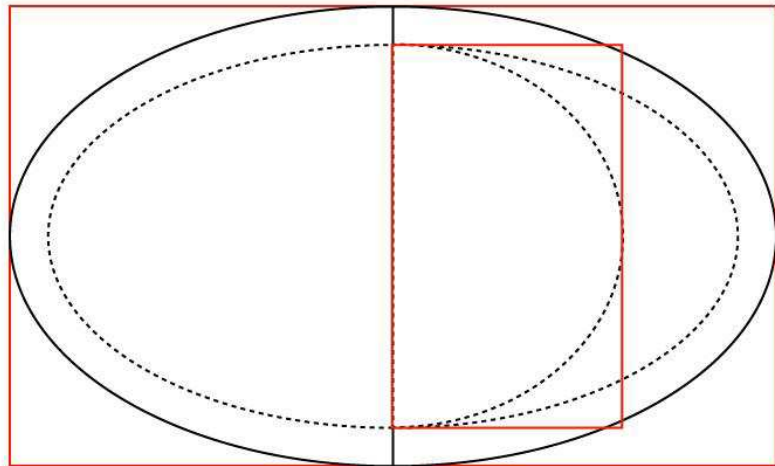
Sua vista superior tem a forma de uma elipse inscrita no retângulo áureo (proporção 1 x 1,61) e possui simetria no eixo horizontal. O pino interno, para encaixe macho fêmea, possui forma semicircular, também inscrita em retângulo áureo. Sua

vista lateral teve as bordas abauladas, com o mesmo raio do engate da trava por pressão (Figura 61):

Vista superior com trava



Vista superior sem trava



Vista frontal

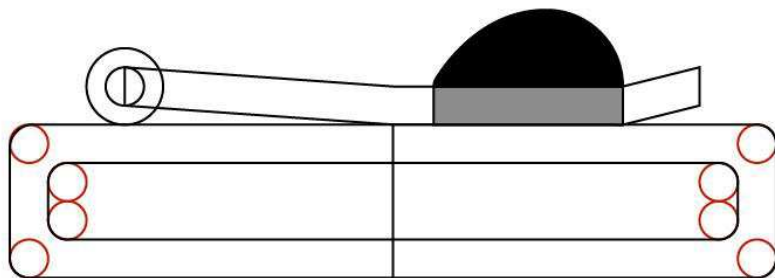


Figura 58:
Geometrização da
vista superior e
frontal do fecho
(Fonte: do autor,
2018)

5 PROJETO

5.1 CONCEITO FINAL: COLAR TALISMÃ

Após definição e refinamento das partes escolhidas, foi gerado um rendering digital para representar o conceito final do colar:

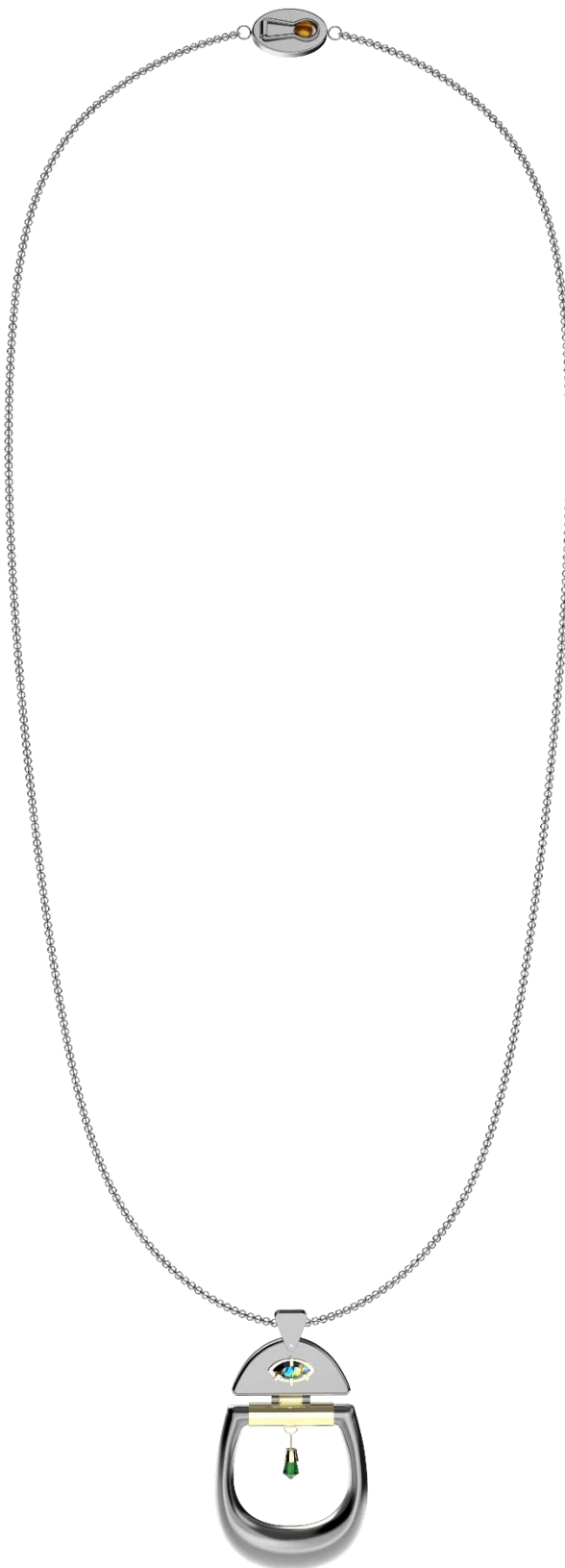


Figura 59:
Rendering 3D do
conceito final.
(Fonte: do autor,
2018)

5.2 CONCEPÇÃO ESTRUTURAL, FUNCIONAL

Corrente do tipo portuguesa com elos redondos e 1 mm de espessura.

O fecho do tipo gaveta possui elemento simbólico (gema cabochão) e tem dois sistemas funcionais: o encaixe macho e fêmea e a trava por pressão.

Figura 60: Detalhe do fecho tipo gaveta (Fonte: do autor, 2018)



O pingente possui sistema de dobradiça, o que permite movimento à peça.



Figura 61: Detalhe de dobradiça do pingente (Fonte: do autor, 2018)

5.3 CONCEPÇÃO ERGONÔMICA

A corrente possui 65 cm de comprimento, o que permite que o usuário vista a peça sem necessidade de utilizar o fecho.

O engate da trava por pressão contido no fecho possui um *affordance*¹²: leve inclinação (em relação à caixa do fecho) que facilita a abertura da peça.

O pingente possui comprimento de 3,3 cm e largura de 2 cm, tamanho adequado para o colo de usuários com seio grande ou pequeno (o comprimento da corrente deixa o pingente na altura do osso esterno, no meio do tórax (próximo à glândula tímica, associada ao chakra cardíaco). Este tamanho também facilita que o usuário esconda a peça embaixo da roupa (fator importante para os usuários entrevistados anteriormente).

Figura 62: Detalhe de lapidação briolet (Fonte: do autor, 2018)



5.4 CONCEPÇÃO DA CONFIGURAÇÃO

5.4.1 SIMBOLOGIA

O produto possui algumas simbologias. A primeira delas é a ferradura, aplicada no formato da peça metálica do pingente. Já a placa metálica superior onde se encontra a gema com lapidação navete, foi retirada do estudo de formas do olho. A gema labradorita possui a lapidação neste formato (navete) e cravação com garras nesta disposição de modo a enfatizar a referência ao terceiro olho. Já a pedra peridoto, em lapidação do tipo briolet, representa a cor e o formato pontudo da folha da espada de São Jorge.

O fecho possui uma gema cabochão no formato de gota olho de tigre que, juntamente às outras duas gemas do pingente, representam a tríade, citada na reza de Dona Dudui.

A prata, juntamente com o banho de ouro e ródio negro também fazem alusão à tríade.

5.4.2 ESTUDO DE COR

5.4.2.1 METAIS

A fim de ter uma corrente discreta, com menos brilho do que a prata 925 polida, sua cor escolhida foi o grafite, cor que a prata adquire após passar por um tratamento superficial de oxidação (este tratamento auxilia na camuflagem de pequenas soldas). O fecho também possui este mesmo tratamento, para dar continuidade à corrente.

¹² Característica visual ou tátil que permite o usuário identificar a função do produto ou de regiões específicas de sua estrutura, ocorrendo de maneira intuitiva, sem a necessidade de uma explicação prévia sobre o funcionamento do produto.

A alça do pingente, a chapa metálica semicircular (juntamente das charneiras soldadas a ela), sua alça e a ferradura também tem cor grafite. A base da pedra navete e suas garras possuem banho de ouro amarelo 18k, que destacam a cor da pedra cravada.

A garra (com charneira para dobradiça soldada) que une a chapa semicircular à ferradura, juntamente das argolas e da virola da pedra briolet tem banho de ouro amarelo 18k (estas partes tem movimento devido à dobradiça e às argolas, e a cor do ouro as realça).

Os pinos da alça e da dobradiça tem banho de ouro amarelo 18k e ficam em evidência (estão ao centro de peças na cor grafite).

5.4.2.2 GEMAS

As gemas aplicadas foram retiradas do resultado da entrevista com os usuários que citaram pedras como amuleto.

A única gema com cor pré definida foi a briolet, já que ela remete à espada de São Jorge e ao chackra cardíaco. Das gemas citadas cor verde estavam o quartzo e a turmalina. No entanto, o quartzo verde não possui transparência, o que não valoriza sua lapidação briolet, e a turmalina é de preço bastante elevado. Portanto, aqui, será aplicado um peridoto, pedra de menor custo, já que uma das suas jazidas mais importantes do mundo se encontra em Minas Gerais. Pode possuir tonalidades oliva ou castanho, assemelhando-se às cores da planta citada.

Figura 63: Olho de tigre, labradorita e peridoto. (Fonte: do autor, 2018)



Já que o fecho é grafite escuro, sua pedra, com apenas 2 mm de largura, não deve ser escura. Seu tipo de lapidação, cabochão, é geralmente aplicada em pedras opacas. Uma das pedras opacas mais citadas pelo

usuário foi a olho-de-tigre (tons de marrom, castanho e dourado).

A terceira peça, que representa o olho, é a labradorita, que possui vários tons de azul, verde e castanho.

5.4.3 ACABAMENTO

Prata oxidada com acabamento opaco (sem transparência) e brilho superficial; banho ouro com acabamento opaco (sem transparência) e brilhoso. Gema: peridoto transparente e brilho vítreo oleoso; olho de tigre opaca com brilho sedoso; labradorita opaca com brilho.

6 DETALHAMENTO TÉCNICO

Esta etapa contém as informações necessárias para a fabricação do produto. A corrente é comprada em lojas especializadas e seu processo de fabricação e detalhamento técnico não constam a seguir.

6.1 ESTRUTURA: PEÇAS E COMPONENTES

6.1.1 PERSPECTIVA EXPLODIDA

| | |
|------|-----------------------------|
| A | Caboção |
| B | Virola |
| C | Charneira da trava |
| D | Trava |
| E | Caixa fecho |
| F | Pino do encaixe macho fêmea |
| G | Alça |
| H | Pino |
| I | Chapa Semicircular |
| J | Base |
| K | Navete |
| L | Garra de cravação |
| M | Charneira menor |
| N | Charneira maior |
| O | Garra |
| P | Argola |
| Q | Virola com base |
| R | Briolet |
| S | Ferradura |
| Item | Nome |

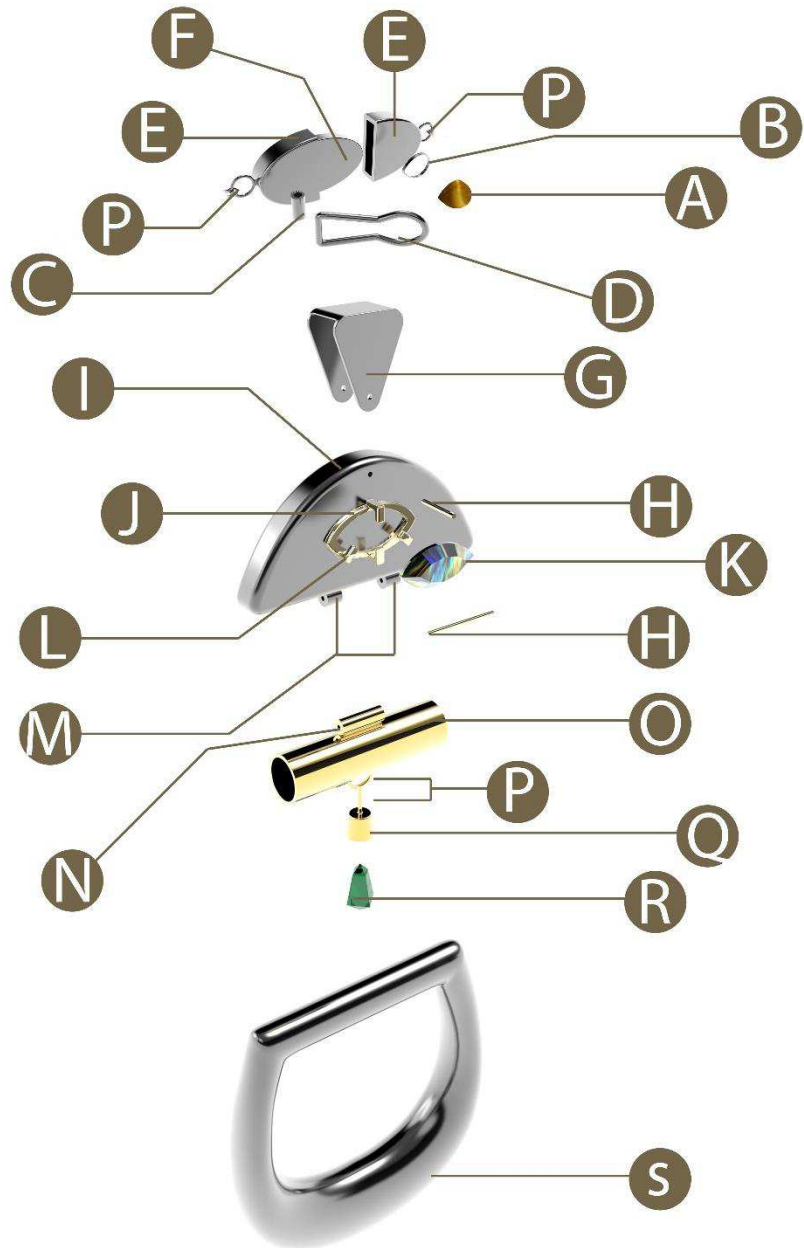


Tabela 5: Itens do produto (Fonte: do autor, 2018)

6.2 METAIS

Ouro: é um metal nobre muito utilizado por sua maleabilidade, brilho, cor, leveza material e facilidade de acabamento e aplicação. É um metal mole para o uso em joias, pois pode facilmente ser danificado, seja com arranhões na superfície, ou modificando sua conformação. Dessa maneira, se faz necessário o preparo de ligas para torná-lo mais duro e resistente. O ouro aplicado no banho das peças é 18k, que se refere à liga constituída por 75% de ouro.

Prata: é um metal que também deve ser composto com outros metais, a fim de adquirir maior resistência e dureza. A prata aqui utilizada é a 925, ou seja: é a prata esterlina, ou "de lei", que possui uma liga que contém 92,5% de prata e 7,5% de outros metais, geralmente o cobre.

6.3 ETAPAS DO PROCESSO DE FABRICAÇÃO

6.3.1 GEMAS

6.3.1.1 LAPIDÇÃO

Existem diversas formas de lapidação de gemas: cabochão, facetada, lisa (chapa) e esfera. Aqui, são utilizadas duas pedras facetadas e uma cabochão. Todas elas passam pelos mesmos processos iniciais:

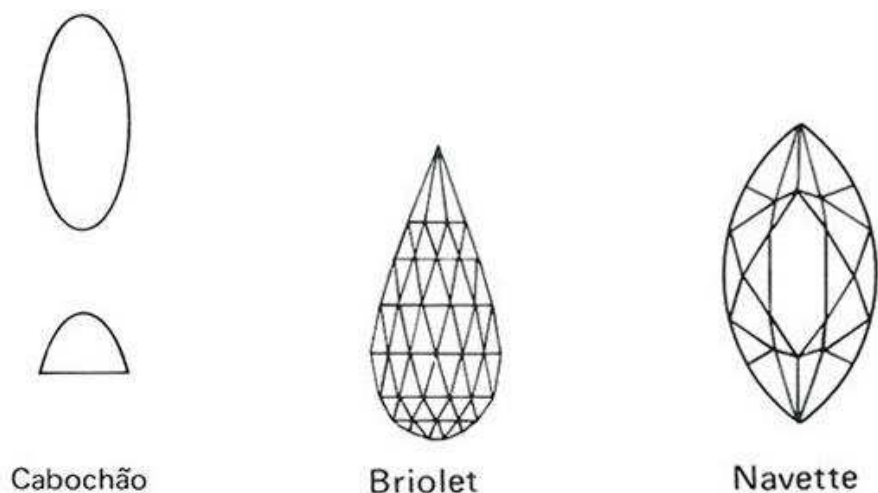


Figura 66: Tipos de lapidação utilizadas no produto. (Fonte: do autor, 2018)

Inicialmente, o usuário **corta** a pedra na serra diamantada de corte, **pré molda** no rebolo com água e fixa a pedra com lacre em caneta de madeira. Em seguida, começa a etapa de **facetagem** onde a pedra receberá seu formato final. Já facetada, a pedra é lavada cuidadosamente para remover resíduos de pó de esmeril e levada para a máquina de **polimento**.

Ao invés do processo de facetagem, a pedra cabochão, antes de ser polida e após a pré moldagem, passa por um equipamento muito específico para o efeito designado como “8 SwapTop “ou 6” Flat Machine Lap”. Este equipamento tem um disco de diamante de 170 grãos que cria o **abaulamento** da pedra, através de um desgaste uniforme que será feito sobre o disco diamantado.

6.3.1.2 CRAVAÇÃO

A gema cabochão do fecho possui **cravação do tipo meia inglesa**: virola de metal que envolve a pedra.

A gema navete do pingente é **cravada por meio de garras**: gemas são fixadas por meio de cravos, também conhecidos como garras. Geralmente, utiliza-se quatro garras para prender uma gema. É utilizado em pedras facetadas, pois necessita de luz por toda a extensão da pedra para realçar o seu brilho, facilitando a passagem da luz.

A gema facetada do tipo briolet tem **cravação por pressão ou tensão**: a gema é fixada por meio da pressão que o metal exerce sobre ela. Este metal não deve ser macio, como a prata, por exemplo. Por isto, aqui foi aplicado um banho de ouro neste metal, a fim de aumentar sua resistência a impactos. Nesta cravação, dois sulcos são feitos na lateral interna do metal para que a pedra possa ser encaixada e é indicada para pedras facetadas.

6.3.2 METAIS

As etapas iniciais do processo de ourivesaria são comuns para todas as peças:

Refinar: purificação dos metais; aquecimento e fundição deles para separar as impurezas;

Fundir: fundição do metal para fazer ligas, soldas e reaproveitamento de material;

Recozer: aquecimento do material e seu resfriamento até a temperatura ambiente. Ao ser aquecido, o metal ou liga metálica é exposto a determinada temperatura com o objetivo de torna-lo mais mole, dúctil, tenaz e aliviar suas tensões residuais internas.

Em seguida, seguem etapas distintas (ver tabela de especificações na página 66):

Estamparia: consiste em utilizar uma matriz no formato da peça que se deseja obter, com a ajuda de uma prensa para dar o formato da matriz à uma lâmina de metal. As peças são formadas pela pressão de uma matriz

em aço temperado sobre o metal. A peça final é leve, pois se utiliza pouco metal e as chapas têm pequena espessura.

Fundição por cera perdida e moldes de borrachas: a fundição por cera perdida ou micro fundição é uma técnica que permite transformar modelos de joias produzidas em cera, em prata ou em ouro, onde através de moldes de borracha, é possível produzir com facilidade réplicas em cera de uma joia pronta. A técnica da fundição por cera perdida consiste em:

- De uma peça esculpida ou reproduzida em cera que é agrupada no que chamamos de "árvore", ou seja, um bastão central de cera (caule) ao qual se unem todas as peças fixadas por meio de um gito (tronco);

- Essa "árvore" será colocada num recipiente e preenchida com gesso;

- O gesso é endurecido e levado ao forno em alta temperatura. A cera derretida escorre para fora do gesso e tem-se um molde inteiro de peças. Atualmente, tem sido utilizada a fundição à vácuo, onde a cera é também absorvida pelas paredes laterais do gesso;

- O metal líquido é injetado para dentro desse molde e o gesso é dissolvido em água;

- Surgem as peças de metal. Uma peça piloto em metal pode ser reproduzida em quantidades ilimitadas, utilizando-se a borracha vulcanizada. Um ourives produz a peça que será utilizada para fazer um molde de borracha, essa borracha será vulcanizada para que endureça. A peça em metal é retirada e pode-se injetar a cera nesse molde. Como resultado, teremos a peça idêntica em cera. Essa peça será reproduzida em diversas outras que serão então montadas na "árvore" para a fundição. Esse é um dos processos mais utilizados nos dias de hoje para se confeccionar modelos na indústria joalheira. Essa técnica permite a criação de várias peças idênticas (usando a reprodução por borracha vulcanizada) num curto período de tempo, e custo muito inferior ao da produção artesanal. Não existe perda de ouro no processo. Uma das vantagens, é que os moldes poderão ser melhor trabalhados em sua forma, design e movimento. As limitações serão reduzidas no que se refere a dobras, soldas outras dificuldades existentes na ourivesaria tradicional. Um erro cometido na cera pode ser facilmente corrigido apenas derretendo um pouco do material sobre o modelo. A jóia final não apresenta soldas, salvo as exceções, como os pinos dos brincos.

Soldar: união de duas ou mais peças metálicas fazendo uso de um metal de ponto de fusão inferior (solda), formando uma única peça.

Por fim, as peças passam pelos processos de acabamento superficial:

Oxidação da prata: realizado apenas em peças de prata, é um processo feito com um oxidante de prata à base de enxofre, que com ela reage à base de enxofre escurecendo a superfície. Pode ser feito sobre a peça polida, fosca ou texturada. É possível também fosquear a peça depois de já ter sido escurecida, criando um acabamento interessante.

Banho de ouro: este acabamento consiste na imersão da joia em uma solução eletromagnética com a presença do metal desejado (ouro 18k). A solução é feita com um quarto de sal de ouro, mais 1.000 ml de água ionizada. O tempo que a peça fica mergulhada na solução de banho e espessura do metal depositado na superfície determinam o tipo de banho, que é chamado tempo de tratamento.

Lixar: desgastar, polir e raspar com lixa. Utiliza-se as lixas para retirar as marcas e manchas da peça. Processo fundamental para o bom acabamento das peças.

Polir: etapa de lustrar, abrilhantar, tornar polido. Fazer em máquina de politriz ou motor de chicote.

6.4 DESENHO TÉCNICO

Disponível no Apêndice C.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 CONCLUSÕES

- Assimilação do conteúdo (usabilidade, cor, forma, materiais, processos e exploração de técnicas de representação bi e tridimensional);
- Confecção de mockups volumétricos em tamanho real e modelo essenciais para a percepção e validação da peça ;
- O contato com profissionais das áreas de lapidação (gemologia), ourivesaria e professores de outras áreas acadêmicas: visão multidisciplinar;
- Os objetivos gerais foram alcançados;
- O estudo simbólico da peça poderia ter sido mais aprofundado e minucioso;

Conclui-se, por fim, que foi fundamental a seleção e filtro do conteúdo a ser inserido no relatório presente, visto que existem outras centenas formas de fabricar cada peça aqui projetada, a fim de evitar um estudo mais extenso e com menos foco.

7.2 RECOMENDAÇÕES PROJETUAIS

- Fecho regulável porposto nos conceitos: recomendo confecção de modelos tridimensionais a fim de verificar seu funcionamento e dimensionamento;
- Recomenda-se a exploração de modelos reais de variados tamanhos e espessura em cerâmica esmaltada a fim de verificar peso e viabilidade técnica do conceito ferradura inicial;
- Ferradura de prata é maciça e ,para baratear custos e diminuir peso da peça, recomenda-se o estudo de outro processo de fabricação (gerar peça oca, poucos pontos de solda).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto: Guia prático para o design de novos produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

BAYARD, Jean-Pierre. **Os talismãs: psicologia e poderes dos símbolos de proteção**. 9ª Edição. São Paulo: Pensamento, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CATAPAN, Márcio Fontana. Análise antropométrica da cabeça humana para dimensionamento de capacetes balísticos. Dissertação em Engenharia Mecânica – UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.pgmecc.ufpr.br/teses/tese_032_marcio_fontana_catapan.pdf> Acessado em fevereiro de 2018.

ELAM, Kirmberly. **Geometria do Design**. 1ª Reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FACTUM, Ana Beatriz Simon. **Joia escrava: design de resistência**. Revista Design em Foco, v I nº 1, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/661/66110104.pdf>> Acessado em: 12 de agosto 2017.

FERREIRA, Amanda Gatinho. **Poder, simbolismo, religiosidade e misticismo: Um estudo da joia balangandã**. Revista Tucunduba, nº 2 , 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Thais/Downloads/41-682-1-PB.pdf>> Acessado em: 12 de agosto 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antônio. **Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da linguística e da psicanálise**. Coleção Mestrado em Linguística, v. 3, p. 181-197, 2011.

FONTOURA, Ivens. **Decomposição da forma: manipulação da forma como instrumento de criação**. 19ª Edição. Curitiba: Itaipu, 1982.

GLOBO RURAL. **Sabedoria antiga dos benzedores une plantas medicinais, orações e fé**. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agro-negocios/globo-rural/noticia/2017/11/sabedoria-antiga-dos-benedores-une-plantas-medicinais-oracoes-e-fe.html>> Acessado em: 20 de janeiro de 2018.

HANNAH, Gail Greet. **Elementos do Design Tridimensional: Rowena Reed Kostellow e a estrutura das relações visuais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

JORNAL R7. **Mercado de joias cresce 20% em 2017**. 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/mercado-de-joias-cresce-20-em-2017-24082017>> Acessado em 20 de janeiro de 2018.

JUNG, C. Carl. **O Homem e seus Símbolos**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Edgar Blücher, 2001.

MELO, Fábio de; KARNAL, Leandro. **Crer ou não crer: uma conversa sem rodeios entre um historiador ateu e um padre católico**. 1ª Edição. São Paulo: Planeta, 2017.

NCM. **Tarifa externa Comum: Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://www.qualncm.com.br/tabelancm2017.pdf>> Acessado em 5 de novembro de 2017.

NETO, Eduardo Barroso. **O design como ferramenta para o incremento competitivo da joalheria brasileira**. 2004. Disponível em: <<http://www.joiabr.com.br/artigos/ebneto.html>> Acessado em: 12 de agosto 2017.

OLIVEIRA, Antônio Martins de. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidade na agenda contemporânea**. 1ª Edição. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

RADOVČIĆ D.; SRŠEN A. O.; RADOVČIĆ J.; FRAYER, D.W. **Evidence for Neandertal Jewelry: Modified White-Tailed Eagle Claws at Krapina**. 2015. Disponível em: <<http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0119802>> Acessado em 29 de outubro de 2017.

SANTOS, Rita. **Joias: fundamentos, processos e técnicas**. 2ª Edição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2017.

SCHUMANN, Walter. **Gemas do mundo**. Disal Editora, 2006.

SEBRAE. **Consumidor de joias busca design, personalidade e qualidade**. 2015. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/consumidor-de-joias-busca-design-personalidade-e-qualidade/>> Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

____. **Oportunidades preciosas para gemas e joias**. 2016. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/oportunidades-preciosas-para-gemas-e-joias/>> Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

SKODA, Sonia Maria de Oliveira Gonçalves. **Evolução da arte da joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira**. Dissertação em Estética e História da Arte – USP. São Paulo, 2012. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-27012016-134500/pt-br.php>> Acessado em 2 de novembro de 2017.

TAKAMITSU, H. T.; MENEZES, M. S. **O uso da função estética e simbólica no processo de criação de joias**. 15º ErgoDesign: Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia: Produtos, Informações, Ambientes Construídos e Transporte. Recife, 2015. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/15ergodesign/230-E169.pdf>> Acessado em: 09 de setembro de 2017.

REFERÊNCIA DAS FIGURAS

ALLURE. Disponível em: <<https://www.allure.com/story/valentino-spring-2016-headband>> Acessado em 3 de dezembro de 2017.

AMIRA KALAF. Disponível em: <<http://amirakalaf.blogspot.com.br/2011/10/alguns-tipos-de-cravacao.html>> Acessado em 3 de janeiro de 2018.

ANCIENT FACTS. Disponível em: <<http://www.ancientfacts.net/7-oldest-pieces-jewelry-world/>> Acessado em 29 de outubro de 2017.

BRASIL DE LONGE. Disponível em: <<https://brasildelonge.com/tag/figa/>> Acessado em 3 de janeiro de 2018.

CARTIER. Disponível em: <<http://www.cartier.com.br/pt-br/cole%C3%A7%C3%B5es/casamento/alian%C3%A7as/love/b4083400-alian%C3%A7a-love-com-pav%C3%A9.html>> Acessado em 21 de novembro de 2017.

ENTIDADES DO ALÉM. Disponível em: <<https://entidadesdoalem.wordpress.com/expressao-e-arte/expressao-artistica/>> Acessado em 15 de outubro de 2017.

FARLANG. Disponível em: <<http://farlang.com/ancient-egyptian-jewelry-and-amulets>> Acessado em 30 de outubro de 2017.

_____. Disponível em <<http://farlang.com/ancient-egyptian-jewelry-and-amulets>> Acessado em 30 de outubro de 2017.

IZIS ABREU. Disponível em: <<https://www.izisabreu.com/single-post/2017/05/23/Joias-de-Crioula-resist%C3%A2ncia-e-reconstru%C3%A7%C3%A3o-identit%C3%A1ria>> Acessado em 16 de outubro de 2017.

KING MASON. Disponível em: <<http://www.kingmason.com.br/1467b3/anel-maconico-grau-33-folheado>> Acessado em 20 de novembro de 2017.

LUA MIA. Disponível em: <<https://www.luamia.com.br/conjunto-navetes-com-cravacao-inglesa>> Acessado em 3 de janeiro de 2018.

LUIS VIA ROMA. Disponível em: <https://www.luisaviaroma.com/en-br/p/jade-jagger/men/necklaces/66l-0FH003?ColorId=U0IMV kVS0&SubLine=fine_jewellery&CategoryId=75&lvrId=_p_dAD8_gm_c75> Acessado em 22 de dezembro de 2017.

____. Disponível em: <https://www.luisaviaroma.com/en-br/p/hellmuth/men/bracelets/62l-9KI002?ColorId=QTE1&SubLine=fine_jewellery&CategoryId=57&lvrId=_p_dAJN_gm_c57> Acessado em 22 de dezembro de 2017.

MARIAH ROVERY. Disponível em: <https://www.mariahrovery.com.br/pt/produtos-1/aneis-1/anel-bordado-rosas-vermelhas.html>> Acessado em 6 de janeiro de 2018.

MET MUSEUM. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/243444>> Acessado em 29 de outubro de 2017.

____. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255092>> Acessado em 30 de outubro de 2017.

____. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/546730>> Acessado em 5 de novembro de 2017.

MIGUEL SALLES. Disponível em: <<http://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=1664586>> Acessado em 20 de novembro de 2018.

PAI OGUN. Disponível em: <<http://www.paiogun.com/patua-de-protecao.htm>> Acessado em 3 de janeiro de 2018.

RAVENS LOFT. Disponível em: <[https://ravensloft.storesecured.com/pendant-mano-cornuto-hand-italian-charm-cjpendantcornutohand-charm-detail.htm?__utma=203680278.411420303.1519357461.1519357461.1519357461.1&__utmb=203680278.1.10.1519357461&__utmc=203680278&__utmz=203680278.1519357461.1.1.utmcsr=google|utmccn=\(organic\)|utmcmd=organic|utmctr=\(not%20provided\)&__utmv=-&__utmk=97894300](https://ravensloft.storesecured.com/pendant-mano-cornuto-hand-italian-charm-cjpendantcornutohand-charm-detail.htm?__utma=203680278.411420303.1519357461.1519357461.1519357461.1&__utmb=203680278.1.10.1519357461&__utmc=203680278&__utmz=203680278.1519357461.1.1.utmcsr=google|utmccn=(organic)|utmcmd=organic|utmctr=(not%20provided)&__utmv=-&__utmk=97894300)>

UM COMO. Disponível em: <<https://casa.umcomo.com.br/artigo/como-plantar-espada-de-sao-jorge-20360.html>> Acessado em 10 de fevereiro de 2018.

ANEXO – NCM

Seção XIV

PÉROLAS NATURAIS OU CULTIVADAS, PEDRAS PRECIOSAS OU SEMIPRECIOSAS E SEMELHANTES, METAIS PRECIOSOS, METAIS FOLHEADOS OU CHAPEADOS DE METAIS PRECIOSOS (PLAQUÊ), E SUAS OBRAS; BIJUTERIAS; MOEDAS

Capítulo 71

Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê), e suas obras; bijuterias; moedas

Notas.

- 1.- Ressalvado o disposto na alínea a) da Nota 1 da Seção VI e as exceções a seguir referidas, classificam-se no presente Capítulo os artefatos, compostos total ou parcialmente:
 - a) De pérolas naturais ou cultivadas, de pedras preciosas ou semipreciosas, ou de pedras sintéticas ou reconstituídas; ou
 - b) De metais preciosos ou de metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê).
- 2.-A) As posições 71.13, 71.14 e 71.15 não compreendem os artefatos em que os metais preciosos ou os metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê) constituam simples acessórios ou guarnições de mínima importância (por exemplo, iniciais, monogramas, virolas, cercaduras); a alínea b) da Nota 1 anterior não se aplica a esses artigos;
 - B) Só estão compreendidos na posição 71.16 os artefatos que não contenham metais preciosos nem metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê), ou que apenas os contenham como simples acessórios ou guarnições de mínima importância.
- 3.- O presente Capítulo não compreende:
 - a) As amálgamas de metais preciosos e os metais preciosos em estado coloidal (posição 28.43);
 - b) Os materiais esterilizados para suturas cirúrgicas, os produtos para obtenção dentária e os outros artefatos do Capítulo 30;
 - c) Os produtos do Capítulo 32 (os polimentos líquidos, por exemplo);
 - d) Os catalisadores em suporte (posição 38.15);
 - e) Os artefatos das posições 42.02 e 42.03, citados na Nota 3 B) do Capítulo 42;
 - f) Os artefatos das posições 43.03 e 43.04;
 - g) Os produtos incluídos na Seção XI (matérias têxteis e suas obras);
 - h) Os calçados, os chapéus e artefatos de uso semelhante e outros artefatos dos Capítulos 64 ou 65;
 - ij) Os guarda-chuvas, bengalas e outros artefatos do Capítulo 66;
 - k) Os artefatos guarnecidos de pó de diamantes, de pó de pedras preciosas ou semipreciosas ou de pó de pedras sintéticas, que constituam artefatos abrasivos das posições 68.04 ou 68.05 ou ferramentas do Capítulo 82; as ferramentas ou artefatos do Capítulo 82 cuja parte operante seja de pedras preciosas ou semipreciosas, ou de pedras sintéticas ou reconstituídas; as máquinas, aparelhos e materiais, elétricos, e suas partes, da Seção XVI. Continuam, no entanto, incluídos neste Capítulo, os artefatos e suas partes, constituídos inteiramente de pedras preciosas ou semipreciosas, ou de pedras sintéticas ou reconstituídas, com exceção das safiras e dos diamantes, trabalhados, não montados, para agulhas de toca-discos (posição 85.22);
 - l) Os artefatos dos Capítulos 90, 91 ou 92 (instrumentos científicos, artigos de relojoaria e instrumentos musicais);
 - m) As armas e suas partes (Capítulo 93);
 - n) Os artefatos mencionados na Nota 2 do Capítulo 95;
 - o) Os artefatos classificados no Capítulo 96 de acordo com a Nota 4 do referido Capítulo;
 - p) As obras originais de arte estatutuária e de escultura (posição 97.03), os objetos de coleção (posição 97.05) e as antiguidades com mais de 100 anos (posição 97.06). Todavia, as pérolas naturais ou cultivadas e as pedras preciosas ou semipreciosas continuam compreendidas no presente Capítulo.
- 4.-A) Consideram-se "metais preciosos" a prata, o ouro e a platina.
 - B) O termo "platina" compreende também o irídio, o ósmio, o paládio, o ródio e o rutênio.
 - C) As expressões "pedras preciosas ou semipreciosas" e "pedras sintéticas ou reconstituídas" não compreendem as substâncias mencionadas na alínea b) da Nota 2 do Capítulo 96.
- 5.- Na acepção do presente Capítulo, consideram-se "ligas de metais preciosos" (incluindo as misturas sinterizadas e os compostos intermetálicos) aquelas que contenham um ou mais metais preciosos, desde que o peso do metal precioso ou de um dos metais preciosos seja pelo menos igual a 2 % do peso da liga. As ligas de metais preciosos classificam-se da seguinte maneira:
 - a) As que contenham, em peso, pelo menos 2 % de platina, classificam-se como ligas de platina;
 - b) As que contenham, em peso, pelo menos 2 % de ouro, mas não contenham platina ou a contenham em percentagem inferior, em peso, a 2 %, classificam-se como ligas de ouro;
 - c) Qualquer outra liga que contenha, em peso, 2 % ou mais de prata, classifica-se como liga de prata.
- 6.- Salvo disposição em contrário, a referência na Nomenclatura a metais preciosos ou a um ou vários metais preciosos especificamente designados, compreende também as ligas classificadas com os referidos metais por força da Nota 5. A expressão "metais preciosos" não compreende os artefatos definidos na Nota 7, nem os metais comuns ou as matérias não-metálicas, platinados, dourados ou prateados.
- 7.- Na Nomenclatura, consideram-se "metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê)" os artefatos com um suporte de metal que apresentem uma ou mais faces recobertas de metais preciosos, por soldadura, laminagem a quente ou por processo mecânico semelhante. Salvo disposição em contrário, os artefatos de metais comuns incrustados de metais preciosos, consideram-se folheados ou chapeados de metais preciosos (plaquê).
- 8.- Ressalvadas as disposições da Nota 1 a) da Seção VI, os produtos incluídos no texto da posição 71.12, classificam-se nesta posição e não em nenhuma outra da Nomenclatura.

- 9.- Na aceção da posição 71.13 consideram-se "artefatos de joalheria":
- Os pequenos objetos de adorno pessoal (por exemplo, anéis, braceletes ou pulseiras, colares, broches, brincos, correntes de relógio, berloques, pendentes, alfinetes ou pregadores de gravata, abotoaduras, botões de peitilho, medalhas e insígnias religiosas ou outras);
 - Os artefatos de uso pessoal destinados a ser usados na própria pessoa, nos bolsos ou na bolsa (por exemplo, cigarreiras, charuteiras, tabaqueiras, caixinhas para bombons ou para pós ou comprimidos, bolsas em cota de malha, rosários).
- Estes artigos podem conter, por exemplo, pérolas naturais, cultivadas ou imitações de pérolas, pedras preciosas ou semipreciosas, imitações dessas pedras, pedras sintéticas ou reconstituídas ou ainda partes de carapaças de tartaruga, madrepérola, marfim, âmbar natural ou reconstituído, azeviche ou coral.
- 10.- Na aceção da posição 71.14 consideram-se "artefatos de ourivesaria" os objetos para serviço de mesa ou de toucador, as guarnições para escritório, os apetrechos para fumantes, os objetos para ornamentação de interiores e os destinados ao exercício de cultos.
- 11.- Na aceção da posição 71.17 consideram-se "bijuterias" os artefatos da mesma natureza dos definidos na alínea a) da Nota 9 (exceto botões e outros artefatos da posição 96.06, pentes, travessas e semelhantes, bem como os grampos para cabelo, da posição 96.15), que não contenham pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas, pedras sintéticas ou reconstituídas, ou só contenham metais preciosos ou metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué) como guarnições ou acessórios de mínima importância.

Notas de subposições.

- Na aceção das subposições 7106.10, 7108.11, 7110.11, 7110.21, 7110.31 e 7110.41, os termos "pós" e "em pó" compreendem os produtos que passem através de uma peneira com abertura de malha de 0,5 mm numa proporção igual ou superior a 90 %, em peso.
- Não obstante as disposições da alínea B) da Nota 4 do presente Capítulo, na aceção das subposições 7110.11 e 7110.19 o termo "platina" não compreende o irídio, o ósmio, o paládio, o ródio e o ruténio.
- Para classificação das ligas nas subposições da posição 71.10, cada liga classifica-se com a do metal (platina, paládio, ródio, irídio, ósmio ou ruténio) que predomine em peso sobre cada um dos outros.

| NCM | DESCRIÇÃO | TEC (%) |
|--------------|---|---------|
| | I.- PÉROLAS NATURAIS OU CULTIVADAS, PEDRAS PRECIOSAS OU SEMIPRECIOSAS E SEMELHANTES | |
| 71.01 | Pérolas naturais ou cultivadas, mesmo trabalhadas ou combinadas, mas não enfiadas, nem montadas, nem engastadas; pérolas naturais ou cultivadas, enfiadas temporariamente para facilidade de transporte. | |
| 7101.10.00 | - Pérolas naturais | 10 |
| 7101.2 | - Pérolas cultivadas: | |
| 7101.21.00 | -- Em bruto | 10 |
| 7101.22.00 | -- Trabalhadas | 10 |
| 71.02 | Diamantes, mesmo trabalhados, mas não montados nem engastados. | |
| 7102.10.00 | - Não selecionados | 10 |
| 7102.2 | - Industriais: | |
| 7102.21.00 | -- Em bruto ou simplesmente serrados, clivados ou desbastados | 2 |
| 7102.29.00 | -- Outros | 2 |
| 7102.3 | - Não industriais: | |
| 7102.31.00 | -- Em bruto ou simplesmente serrados, clivados ou desbastados | 8 |
| 7102.39.00 | -- Outros | 10 |
| 71.03 | Pedras preciosas (exceto diamantes) ou semipreciosas, mesmo trabalhadas ou combinadas, mas não enfiadas, nem montadas, nem engastadas; pedras preciosas (exceto diamantes) ou semipreciosas, não combinadas, enfiadas temporariamente para facilidade de transporte. | |
| 7103.10.00 | - Em bruto ou simplesmente serradas ou desbastadas | 8 |
| 7103.9 | - Trabalhadas de outro modo: | |
| 7103.91.00 | -- Rubis, safiras e esmeraldas | 10 |
| 7103.99.00 | -- Outras | 10 |
| 71.04 | Pedras sintéticas ou reconstituídas, mesmo trabalhadas ou combinadas, mas não enfiadas, nem montadas, nem engastadas; pedras sintéticas ou reconstituídas, não combinadas, enfiadas temporariamente para facilidade de transporte. | |
| 7104.10.00 | - Quartzo piezolétrico | 10 |
| 7104.20 | - Outras, em bruto ou simplesmente serradas ou desbastadas | |
| 7104.20.10 | Diamantes | 2 |
| 7104.20.90 | Outras | 10 |
| 7104.90.00 | - Outras | 10 |
| 71.05 | Pó de diamantes, de pedras preciosas ou semipreciosas ou de pedras sintéticas. | |
| 7105.10.00 | - De diamantes | 6 |
| 7105.90.00 | - Outros | 6 |
| | II.- METAIS PRECIOSOS, METAIS FOLHEADOS OU CHAPEADOS DE METAIS PRECIOSOS (PLAQUÊ) | |
| 71.06 | Prata (incluindo a prata dourada ou platinada), em formas brutas ou semimanufaturadas, ou em pó. | |
| 7106.10.00 | - Pós | 6 |
| 7106.9 | - Outras: | |
| 7106.91.00 | -- Em formas brutas | 6 |
| 7106.92 | -- Em formas semimanufaturadas | |

| | | |
|-------------------|--|----|
| 7106.92.10 | Barras, fios e perfis de seção maciça | 12 |
| 7106.92.20 | Chapas, lâminas, folhas e tiras | 12 |
| 7106.92.90 | Outras | 12 |
| 7107.00.00 | Metais comuns folheados ou chapeados (plaqué) de prata, em formas brutas ou semimanufaturadas. | 12 |
| 71.08 | Ouro (incluindo o ouro platinado), em formas brutas ou semimanufaturadas, ou em pó. | |
| 7108.1 | - Para usos não monetários: | |
| 7108.11.00 | -- Pós | 0 |
| 7108.12 | -- Em outras formas brutas | |
| 7108.12.10 | Bulhão dourado (<i>bullion doré</i>) | 0 |
| 7108.12.90 | Outras | 0 |
| 7108.13 | -- Em outras formas semimanufaturadas | |
| 7108.13.10 | Barras, fios e perfis de seção maciça | 12 |
| 7108.13.90 | Outros | 12 |
| 7108.20.00 | - Para uso monetário | 0 |
| 7109.00.00 | Metais comuns ou prata, folheados ou chapeados (plaqué) de ouro, em formas brutas ou semimanufaturadas. | 12 |
| 71.10 | Platina, em formas brutas ou semimanufaturadas, ou em pó. | |
| 7110.1 | - Platina: | |
| 7110.11.00 | -- Em formas brutas ou em pó | 2 |
| 7110.19 | -- Outras | |
| 7110.19.10 | Barras, fios e perfis de seção maciça | 12 |
| 7110.19.90 | Outras | 12 |
| 7110.2 | - Paládio: | |
| 7110.21.00 | -- Em formas brutas ou em pó | 2 |
| 7110.29.00 | -- Outras | 12 |
| 7110.3 | - Ródio: | |
| 7110.31.00 | -- Em formas brutas ou em pó | 2 |
| 7110.39.00 | -- Outras | 12 |
| 7110.4 | - Iridio, ósmio e rutênio: | |
| 7110.41.00 | -- Em formas brutas ou em pó | 2 |
| 7110.49.00 | -- Outras | 12 |
| 7111.00.00 | Metais comuns, prata ou ouro, folheados ou chapeados (plaqué) de platina, em formas brutas ou semimanufaturadas. | 12 |
| 71.12 | Desperdícios e resíduos de metais preciosos ou de metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué); outros desperdícios e resíduos que contenham metais preciosos ou compostos de metais preciosos, do tipo dos utilizados principalmente para a recuperação de metais preciosos. | |
| 7112.30 | - Cinzas que contenham metais preciosos ou compostos de metais preciosos | |
| 7112.30.10 | Que contenham ouro, mas que não contenham outros metais preciosos | 2 |
| 7112.30.20 | Que contenham platina, mas que não contenham outros metais preciosos | 2 |
| 7112.30.90 | Outros | 6 |
| 7112.9 | - Outros: | |
| 7112.91.00 | -- De ouro, de metais folheados ou chapeados (plaqué) de ouro, exceto varreduras que contenham outros metais preciosos | 2 |
| 7112.92.00 | -- De platina, de metais folheados ou chapeados (plaqué) de platina, exceto varreduras que contenham outros metais preciosos | 2 |
| 7112.99.00 | -- Outros | 6 |
| | III.- ARTEFATOS DE JOALHERIA, DE OURIVESARIA E OUTRAS OBRAS | |
| 71.13 | Artefatos de joalheria e suas partes, de metais preciosos ou de metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué). | |
| 7113.1 | - De metais preciosos, mesmo revestidos, folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué): | |
| 7113.11.00 | -- De prata, mesmo revestida, folheada ou chapeada de outros metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 7113.19.00 | -- De outros metais preciosos, mesmo revestidos, folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 7113.20.00 | - De metais comuns folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 71.14 | Artefatos de ourivesaria e suas partes, de metais preciosos ou de metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué). | |
| 7114.1 | - De metais preciosos, mesmo revestidos, folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué): | |
| 7114.11.00 | -- De prata, mesmo revestida, folheada ou chapeada de outros metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 7114.19.00 | -- De outros metais preciosos, mesmo revestidos, folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 7114.20.00 | - De metais comuns folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué) | 18 |
| 71.15 | Outras obras de metais preciosos ou de metais folheados ou chapeados de metais preciosos (plaqué). | |
| 7115.10.00 | - Telas ou grades catalisadoras, de platina | 18 |
| 7115.90.00 | - Outras | 18 |
| 71.16 | Obras de pérolas naturais ou cultivadas, de pedras preciosas ou semipreciosas ou de pedras sintéticas ou reconstituídas. | |
| 7116.10.00 | - De pérolas naturais ou cultivadas | 18 |
| 7116.20 | - De pedras preciosas ou semipreciosas, ou de pedras sintéticas ou reconstituídas | |
| 7116.20.10 | De diamantes sintéticos | 18 |

| | | |
|--------------|--|------|
| 7116.20.20 | Guias de agulhas, de rubi, para cabeças de impressão | 0BIT |
| 7116.20.90 | Outras | 18 |
| | | |
| 71.17 | Bijuterias. | |
| 7117.1 | - De metais comuns, mesmo prateados, dourados ou platinados: | |
| 7117.11.00 | -- Abotoaduras e artefatos semelhantes | 18 |
| 7117.19.00 | -- Outras | 18 |
| 7117.90.00 | - Outras | 18 |
| | | |
| 71.18 | Moedas. | |
| 7118.10 | - Moedas sem curso legal, exceto de ouro | |
| 7118.10.10 | Destinadas a ter curso legal no país importador | 16 |
| 7118.10.90 | Outras | 0 |
| 7118.90.00 | - Outras | 18 |

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONS

RESPONSES

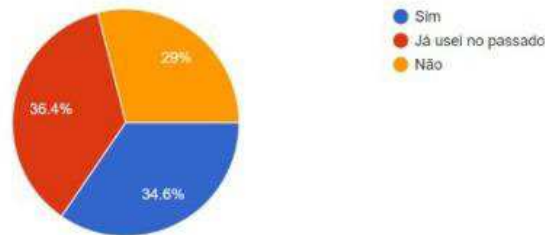
107

Talismã como artefato de proteção

Este formulário é parte da pesquisa de um trabalho de conclusão de curso de Design de Produto, da Universidade Federal de Campina Grande, e tem como objetivo entender a relação do usuário com o objeto (talismã/amuleto) a fim de projetar uma joia com a propósito de proteção contra a inveja e o mau olhar.

Vocês faz uso de um amuleto?

107 responses



Caso tenha respondido "sim" ou "já usei no passado" na questão passada, que tipo de amuleto é/era este? (de qual material? possuía algum símbolo e ou pedras? quais?)

75 responses

Um escapulário, em aço com pedras.

Era uma pedra opaca verde, não lembro o nome e nem se era valiosa, envolta numa amarração de macramé em corda (era um colar).

Já usei um anel com uma pedra ônix, que é uma forma de proteção, pois ela suga as energias negativas de quem a usa e de quem está ao redor. Já usei colar com uma ametista porque li que ela atua no sistema nervoso, no sistema imunológico, no processo criativo, aumenta a capacidade de memória, ajuda no controle metabólico, ajuda a vencer o medo e a ansiedade. Atua também estimulando a elevação espiritual, o amor a Deus. Usei colar de cristal, que serve pra purificar. Teve outra que não lembro o nome que dava energia.

Escapulário. Ouro.

Escapulário

Terço

Pedras e joalheria (brincos, colares e anéis).

Medalha de São Bento, em prata e uma pedra ônix

Usei um Hamsá em prata e alguns tipos de pedras

Um pingente de São Jorge de ouro

Como sou terapêutica holística, acupunturista, biomagnetista, Reikiana etc, preciso e sinto que preciso de um reforço de proteção além da divina. Uma forma de ter e sentir uma proteção material e mineral. Para cada situação, uma pedra diferente que me dá apoio emocionais e espiritual, tais como: olho de tigre, Labradorita, brilhante, ametista e outras que não lembro seus nomes. Ao mesmo tempo uso, também, conchas do mar e sal grosso para limpeza energética das mesmas para renovar suas energias e elas podem estar mais leves em contato com meu corpo ou consultório, minha bolsa, etc

Uma fitinha do Bonfim

Pedras informadas da flora da vida

Olho grego. Vidro.

Pedras. Tenho sempre peças simbólicas de proteção, de uso pessoal ou dispostas pela casa.

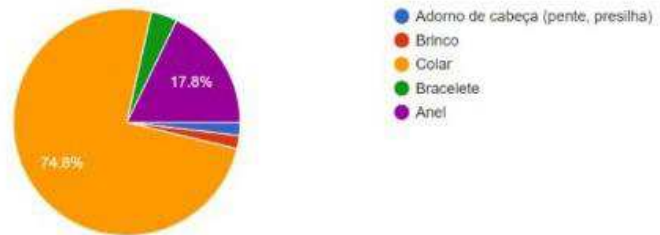
Sim, já usei vários. Sempre tinham pedras de vários tipos

Uma semente

Ágata azul, pedra do signo Sagitário

Caso fosse utilizar uma joia com esta simbologia de proteção, qual destas peças você utilizaria?

107 responses



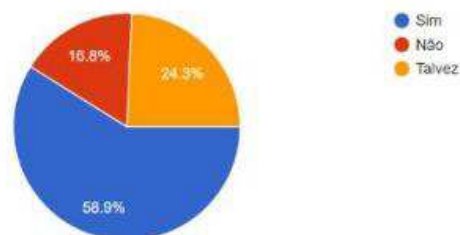
Justifique a resposta anterior.

107 responses

- Escapulário se usa no pescoço, na frente Jesus e na costa Nossa Senhora do Carmo, pra proteger a frente e verso.
- Estaria mais próximo do coração
- Pela praticidade de uso
- É o acessório que eu mais me sinto confortável usando
- Gosto do meu amuleto de proteção junto ao coração.
- É mais usual no meu dia-a-dia.
- Conforto
- Tenho alergia no pescoço kkkk só posso usará ouro e mesmo assim por poucos dias!!
- Porque é um lugar que você pode usar o dia inteiro sem muito incômodo e fácil de manter fora do contato físico com outras pessoas para que não haja troca de energia, de forma a despurificar o colar por exemplo.
- Esteticamente mais interessante.
- Prefiro andar com amuletos perto do coração

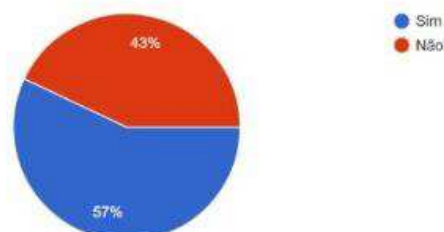
Você acredita em mau olhado?

107 responses



Já participou de algum ritual que, de acordo com sua crença, lhe conferiu proteção contra más energias?

107 responses



Se sim, qual?

60 responses

Ayashuasca

Oração do terço

Uma roda de rapé

Reiki, benzedeira, candomblé.

Grupo de oração

Purificação de objetos para uso pessoal.

Acendo incensos, velas e repito mantras

Oração

Comumente por rezadeiras e por tratamentos espirituais para afastar obsessores e más energias

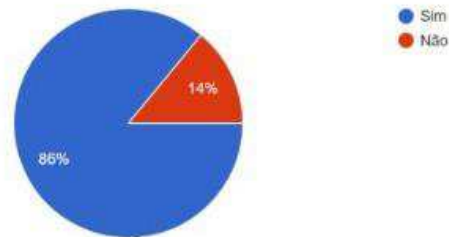
Quando eu fazia parte da igreja católica e aconteciam aqueles rituais de purificação

Os de ano novo.

Passes, rituais de ayahuasca.

Você compraria uma joia que carregasse este significado simbólico de proteção?

107 responses



Por quê?

107 responses

Acredito que traria proteção e é sempre bom ter

Não dou muita atenção aos amuletos.

Caso ela não possuísse uma forma muito literal, compraria sim.

Gosto

Usaria mais pela estética do que pelo significado

Me deixa mais forte

Porque tem muito a ver com minha essência

Tudo aquilo que voce acredita e tem fe que te fara bem, é valido

Dependeria se eu acreditaria no significado

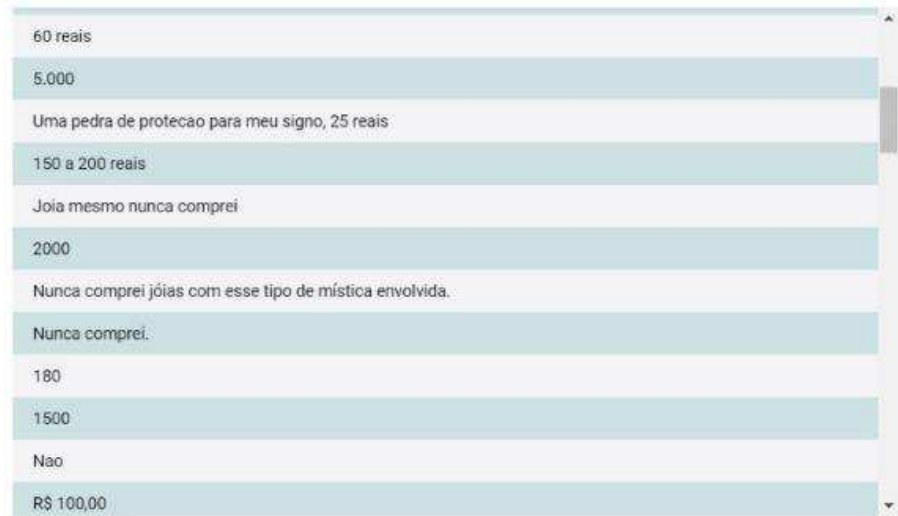
Mesmo que não proteja de verdade, terei em mente que estarei protegida e isso irá atrair boas energias

A fé faz parte da minha vida. Ter uma joia que simboliza tal sentimento é importante.

Porque quanto mais proteção, melhor

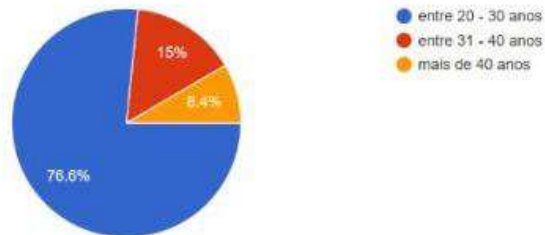
Se você já comprou uma joia, qual o valor máximo que pagou pela peça?

93 responses



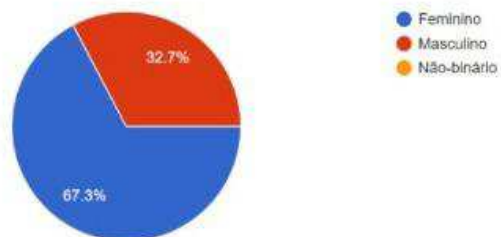
Qual sua idade?

107 responses



Como você define seu gênero sexual?

107 responses



APÊNDICE B – ORAÇÃO

Oração completa de Dudi

Thais,

Com dois te 'butaram'

Com três eu tirarei

Com o poder de Deus

Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

Não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

Se botarem pela frente

Eu tiro por São Bento

Se botarem por trás

Eu tiro por São Brás

Se botarem de lado

Eu tiro pelo coração de Jesus

Com o Poder de Deus

Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

E não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

Encontrei Nossa Senhora numa pedrinha, sentada

Perguntei: o que está fazendo?

Respondeu: Senhor, está curando Thais, de olhar, de quebrante, na cor, na boniteza, na feição, na esperteza, na comida, no olhar, no intestino, no corpo, deixando ela curada

Com o poder de Deus

Com o Poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

E não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

(Oração do Pai Nosso)

(Oração da Ave Maria)

Com dois te 'butaram'

Com três eu tirarei

Com o poder de Deus

Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

Não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

Se mandarem pela frente
 Eu tiro por São Bento
 Se mandarem por trás
 Eu tiro por São Brás
 Se mandarem de lado
 Eu tiro pelo coração de Jesus
 Com o Poder de Deus
 Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima
 E não há quem possa mais do que Deus
 Não há quem possa mais do que Deus

Encontrei Nossa Senhora numa pedrinha, sentada
 Perguntei: o que está fazendo?
 Respondeu: Senhor, está curando Thais, de olhar, de quebrante, feitiço,
 mandinga, catimbó e bruxaria, será tudo 'dicachado', levado e jogado nas
 ondas do mar sagrado
 Não há quem possa mais do que Deus
 Não há quem possa mais do que Deus

(Oração do Pai Nosso)

(Oração da Ave Maria)

Thais,
 Com dois te 'butaram'
 Com três eu tirarei
 Com o poder de Deus
 Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima
 Não há quem possa mais do que Deus
 Não há quem possa mais do que Deus

Se botarem pela frente
 Eu tiro por São Bento
 Se botarem por trás
 Eu tiro por São Brás
 Se botarem de lado
 Eu tiro pelo coração de Jesus
 Com o Poder de Deus
 Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima
 E não há quem possa mais do que Deus
 Não há quem possa mais do que Deus

Encontrei Nossa Senhora numa pedrinha, sentada

Perguntei: o que está fazendo?

Respondeu: Senhor, está curando Thais, de olhar, de quebrante, na cor, na boniteza, na feição, na esperteza, na comida, no olhar, no intestino, no corpo, deixando ela curada

Com o poder de Deus

Com o Poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

E não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

(Oração do Pai Nosso)

(Oração da Ave Maria)

Thais,

Com o poder de Deus

Com o poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

Pela Virgem da Conceição

Senhor São João Batista

Cosme e Damião

Senhor do Bonfim, que eu faço tudo quanto for Divino

(trecho inaudível)

Com o poder de Deus

Com o Poder da Virgem Mãe Maria Santíssima

E não há quem possa mais do que Deus

Não há quem possa mais do que Deus

(Oração do Credo)

APÊNDICE C – DESENHO TÉCNICO